

OBSERVADORES DE PÁSSAROS CONTOS DE PASSARINHOS

Antologia de Contos - Volume 2



Organização de
Gleudson Melo e
Marta R. Silva-Melo

editora **ECO**
Didática

A realização desta obra partiu de um esforço coletivo e constitui uma celebração por agregar conhecimento e sabedoria da tradicional arte de contar histórias. As aves livres na natureza e a contemplação destes seres tão especiais, sem a interferência destrutiva do ser humano em seus habitats, delineou o eixo temático e fio condutor desta especial antologia de contos.

OBSERVADORES DE PÁSSAROS CONTOS DE PASSARINHOS

Antologia de Contos - Volume 2



Organização de
Gleudson André Pereira de Melo
Marta Regina da Silva-Melo

editora **ECO**
Didática

Copyright © 2021 dos autores e da Editora Ecodidática

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou utilizada por meio eletrônico ou impresso, ou ainda por qualquer outra forma de reprodução, sem a expressa autorização dos autores e da Editora Ecodidática.

O conteúdo presente em algumas narrativas pode não representar a posição oficial da Editora Ecodidática que é a de proteção e de conservação da vida livre na natureza. Incluímos como práticas nocivas: aves engaioladas; o tráfico, a venda e a caça predatória de animais silvestres.

Os textos desta obra alinham-se às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil em 2009.

Contos e biografias: revisão dos autores

Organização, edição e imagens: Gleidson Melo e Marta R. Silva-Melo

Diagramação e capa [maria-ferrugem]: Gleidson Melo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Observadores de pássaros [livro eletrônico] :
contos de passarinhos : antologia de contos :
Volume 2 / organização de Gleidson André Pereira
de Melo, Marta Regina da Silva-Melo. -- Campo
Grande, MS : Editora Ecodidática, 2021.
PDF

Vários autores.
ISBN 978-65-996629-1-1

1. Aves 2. Contos brasileiros - Coletâneas
I. Melo, Gleidson André Pereira de. II. Silva-Melo,
Marta Regina da.

21-90635

CDD-B869.308

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Antologia : Literatura brasileira
B869.308

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380



<https://editoraecodidatica.com.br>
contato@editoraecodidatica.com.br



À memória de
Daniel da Silva Araujo

Passarinhando

Dia desses estava eu com meu coração arranhado por unhas-de-gato. O céu estava cinzento, apesar do sol radiante.

Oh meu Deus, tem misericórdia de mim! Então, resolvi passarinhar, saí voando por aí [...]

Tentei sair, mas fui provocado por aquela pessoa que me disse:

– Não vá embora a essa hora, voltar nessa longa estrada durante à noite e madrugada pode ser perigoso. Durma na minha cama.

Preparou uma sopa de legumes bem quentinha, ensinou-me diferentes cantos de pássaros, trouxe um cobertor e dormi o melhor sono, o sono da simplicidade e do afeto.

Despedi-me no outro dia e algo mágico me aconteceu: vi que o mundo tem motivos para viver e ser feliz, voltei a acreditar em boa alma humana, amei ser acolhido e voltei voando para casa. Bendito homem passarinho... (p. 69)

SUMÁRIO



INTRODUÇÃO	8
CONTOS DE PASSARINHOS	11
Horizonte destino	
<i>Patrícia Ferreira</i>	12
Na visão de um pássaro	
<i>Érika Cristina Faria de Souza</i>	16
O milagre da meia-noite feliz	
<i>Ione Morais</i>	20
Não é apenas conversa de passarinho	
<i>Eduardo R. Alexandrino e Gabriel G. M. Mesquita</i>	22
As estranhezas da tiriba Lica	
<i>Eduardo R. Alexandrino</i>	27
A pardal que se embolou	
<i>Vanessa Morais</i>	33
Pulseiras da sorte	
<i>Larissa Alves Corrêa</i>	40
Manifesto de um passarinho	
<i>Marta Regina da Silva-Melo</i>	43
Silegoísmo	
<i>Danilo Boscolo</i>	46
Pássaro azul	
<i>Ane Coutinho</i>	52
A Coruja e o Pica-pau	
<i>Thithi Johnson</i>	53
O dono do jardim	
<i>Rita de Cássia Travagin Klein</i>	56

Sabiá-laranjeira	
<i>Ivete Nenflidio</i>	59
O Papagaio e a sua aventura	
<i>Jaquilza Gomes</i>	61
Urubus	
<i>Nico di Angelo Fierro</i>	63
Urubu-rei e a Saíra	
<i>Keli Vasconcelos</i>	65
Passarinhandó	
<i>Daniel da Silva Araujo</i>	69
O homem-pássaro	
<i>Olivaldo Júnior</i>	70
A floresta escura e o pássaro sagrado	
<i>Andersen Medeiros</i>	74
Extinção	
<i>Ademir Moreno Aguilar</i>	79
SOBRE OS AUTORES	83

INTRODUÇÃO



Embora não seja ornitóloga, as aves me encantam. Sinto-me privilegiada por viver rodeada de passarinhos. Com dois terrenos pontuados por árvores nativas do cerrado, um resquício da mata que cobria a região no passado, convivo com diferentes aves ao longo do ano. Dependendo das flores e frutos silvestres no quintal, em cada época é uma orquestra diferente.

Neste ano de 2021, as araras-canindé (*Ara ararauna*) marcaram forte presença nos meses de agosto e setembro, gritando antes do sol nascer ao se fartarem das flores e néctar do açoita-cavalo (*Luehea grandiflora*).

No meio da tarde, falando ao telefone com uma amiga jornalista norte-americana, que escrevia para a revista da Audubon, ela ficou encantada ao ouvir os passarinhos do quintal, entremeando as nossas conversas. E é isso que me encanta, morar num país rico em biodiversidade, em especial de aves, com 1971 espécies ocorrentes, segundo a última lista publicada em 2021, pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos (CBRO)*.

As aves atraem a atenção dos homens desde a antiguidade, não só pelo tamanho, canto ou cores, mas sobretudo pela capacidade de interação com os humanos, sendo retratadas desde os tempos mais remotos, inclusive em pinturas rupestres. Quando os portugueses chegaram no Brasil ficaram fascinados pelas araras, periquitos e papagaios, e naquela época esse fascínio deu início à retirada, captura e transporte de inúmeras espécies de aves. Passados 500 anos, essa prática nefasta ainda persiste com o tráfico de animais silvestre em todo mundo, mas por outro lado, o estudo e a observação de aves na natureza também tem crescido exponencialmente.

A América do Sul é o continente das Aves. O Brasil juntamente com Colômbia e Peru se destacam em número de espécies, onde a prática da observação tem sido cada vez mais frequente e crescente.

Essa prática tão importante foi destacada com a contribuição dos observadores de aves com o acréscimo de 40 novas espécies, na nova lista do Brasil, sendo que a maioria foi devido ao registro de cidadãos cientistas.

Observar os pássaros é estar em contato com a natureza. Isto nos traz benefícios psicológicos, cognitivos e fisiológicos: bem estar físico e mental; prende a atenção; reduz a fadiga; diminui depressão e o estresse; reduz ansiedade e tensão; aumenta a interação social; entre outros. Mas acima de tudo, observar os pássaros em vida livre ajuda a conservá-los nos seus ambientes naturais, aumenta o conhecimento sobre as espécies, gera informação e ciência. E essa é a premissa maior desta coletânea de contos, em que as pessoas podem observar as aves livres através da sua janela, do seu quintal, da sua cidade ou podem até se deslocar para ver os pássaros em outras regiões, incentivando o desenvolvimento sustentável, ao mesmo tempo que ajudam a promover a consciência ambiental e a conservação da biodiversidade.

Convido você a fazer uma leitura das diferentes formas, impressões e manifestações dos autores sobre as aves que fazem parte do nosso cotidiano, promovendo o aprendizado, reforçando as diversas culturas, a ciência e a educação.

Dra. Neiva Guedes
Presidente do Instituto Arara Azul

* PACHECO, J. F.; et al. Lista comentada das aves do Brasil pelo Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos – segunda edição. CBRO, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5281/zenodo.5138368>

Cuide bem da natureza

Hoje acordei cedo e contemplei mais uma vez a natureza. A chuva fina chegava de mansinho. O encanto e aroma matinal traziam um ar de reflexão. Enquanto isso, o meio ambiente pedia socorro. Era o homem construindo e destruindo a sua casa. Poluição, fome e desperdício deixam o mundo frágil e degradado. Dias mais quentes aquecem o "planeta água". Tenha um instante com a paz e a harmonia. Reflita e conserve para uma consciência coletiva. Ainda há tempo, cuide bem da natureza.

(Gleidson Melo)



CONTOS DE PASSARINHOS

Horizonte destino

Patrícia Ferreira



Senti o vento frio e o sal, eu adoro o mar. Me sinto em casa, o vento traz aquela já conhecida e amada sensação de liberdade, olho ao longe e só vejo a imensidão azul. Uma corrente de ar ascende e plano, plano para o horizonte sem esforços. O que há depois do horizonte? Eu não sei. Mas é pra lá que eu vou, meu destino. Alguns minutos depois uma mancha escura interrompe a imensidão azul do tão querido mar. Lá de longe não consigo ver detalhes. Voo alto. Uma ilha colorida de verde, branco, marrom, e cinza, com um farol na pontinha leste, era tudo o que eu conseguia ver àquela altura. Era uma pequena ilha dessas que aparecem no meio do mar. A curiosidade e a fome me fazem descer e voo mais baixo para a ilha.

A ilha, agora mais perto, começa a mostrar seus detalhes, um pequeno farol branco e vermelho irrompe de um conjunto de rochas. Há manchas de vegetação rasteira e algumas poucas árvores. A linha da praia é linda. Uma faixa estreita e muito clara de areia entra no mar de um azul estonteante, segue mar adentro e o azul fica mais profundo assim como o mar. A ilha é pequena, mas daquela altura já consigo ver toda aquela extremidade.

A sede começa a me incomodar, deve haver de comer e beber na ilha. Desço e pouso na areia. Me virei para a mancha de árvores, havia poucas árvores, não chegava a ser uma floresta, mas tinha sombra e possivelmente água e comida. Aqui embaixo é mais quente do que lá no alto sobre o açoite do vento. Adoro voar e estar no chão é medíocre, mas necessário.

No bosque, sombra e umidade aliviam o calor da praia, o som denuncia a vida pulsante naquela mancha verde. Logo percebo o som da água de um riacho próximo. Enquanto mato a sede e limpo as penas (o sal atrapalha

um pouco, é melhor tirar quando dá) olho em volta e por toda parte vejo borboletas, abelhas, moscas, vespas, besouros, grilos, gafanhotos, pequenas aves, lagartos e ratos que se mexem pra lá e pra cá. Há flores viçosas e outras mais discretas. Voo para um galho baixo e continuo a observar. Uma serpente espreita um filhote de rato, dá o bote e sai vitoriosa com sua presa. Um dia do predador, o outro da presa.

Não muito longe do riacho um arbusto com frutos escuros me garante uma leve e rápida refeição, dois gafanhotos completam meu banquete. Voo para o alto e me afasto. De não muito longe vejo um mosaico de arbustos e plantas rasteiras na areia. Lá há muita vida também, pequenas aves, insetos e lagartos fazem a festa nas flores. O sol já está alto e o calor aumentou. Perto da praia, caranguejos exibem sua dança de cores e se cobrem de areia pra lá e pra cá.

Voo para o farol e lá do alto a vida fica insignificante, tudo fica tão pequeno, quase invisível. Eu podia ficar ali na tranquilidade e em paz, com comida e água garantida. A solidude era minha preferência. Não entendia e nem queria entender a necessidade de ficar em grupo, de se ver no meio de tantos outros fazendo tudo e sendo igual. Eu gosto do desconhecido, da novidade, da aventura, do não saber e dos outros. Os iguais não entendiam isso. Eles gostavam de saber, do de sempre, do mesmo, do conhecido e do seguro, do mesmo lugar, da mesma comida, das mesmas caras amigáveis, dos mesmos amores certos. Eles podiam voar, mas escolhiam ficar. Eu não, meu destino era o horizonte. Quero o novo e o desconhecido. Me julgam de louco, de inconsequente, mas louco é aquele que não aproveita a breve chama da vida para viver, louco é aquele que se acovarda e fica esperando e esperando. Eu não vou esperar e nem vou ficar.

O azul profundo convida e o horizonte me chama. Ali há a certeza de comida e água, mas o apelo de partir é grande. Na indecisão de partir ou ficar, vejo peixes que saltam e uma nuvem de gaivotas se refestela com a refeição dinâmica. Me junto a elas e mergulho na água fria e

salgada. Mergulho certo e volto para o alto enquanto engulo meu petisco revoltoso e debatente. O movimento é meu, o som é o vento, a vida é o voar. Sigo para o desconhecido para o horizonte destino.

Quando algo chama minha atenção na ilha, não sei ao certo se foi um movimento, uma cor, ou várias, mas uma vontade de saber me domina e volto. Aquele é o outro lado da Ilha, que eu ainda não tinha visto. A ilha parecia menor lá do alto, agora de mais perto, parecia maior. Vejo uma mancha verde mais densa de árvores, essas parecem mais altas e mais próximas do que as que vi no outro bosque. As árvores formam um mosaico de tons de verde e se movem ao sabor do vento como se fosse um bicho enorme. Nessa dança percebo de novo aquilo que me chamou a atenção e me fez voltar.

Há cores no meio daquela massa de árvores além das verdes, cores que vibram em tons tão brilhantes, cores enfileiradas. Não entendo o que aquilo pode ser. Chego mais perto, vou mais para baixo, mas não há como ver por cima das árvores. Mergulho no ar e sinto a velocidade da queda livre aumentar muito e rápido. Abro as asas e paro a poucos metros antes de alcançar as árvores e de lá consigo ver as cores, muitas. Manobro um voo elegante por entre os galhos mais altos e pouso. Lá está aquilo, é um objeto que não reconheço. Não tem forma, mas parece leve e se estende entre vários galhos, em várias alturas diferentes, parece líquido e sólido ao mesmo tempo, às vezes se mexe, é como se estivesse vivo.

O calor úmido da massa de árvores me faz querer voltar para o alto céu, mas o desejo de saber é maior do que o de voar agora. Desço para um galho mais baixo, estou no mesmo nível da coisa. Escorre para baixo, algumas partes juntas e outras separadas, parecem tentáculos ou bigodes enormes. Na ponta de dois desses penduricalhos balança um tipo de ninho, grande o suficiente para umas vinte gaivotas, não mais que isso. Está tombado de lado, pendurado apenas por um dos seus quatro vértices. Não há nada dentro. Estamos a mais de dez metros do chão, naquela posição o que havia ali, se não sabia voar, já tinha

se esborrachado no chão. Eu fico imóvel, não sei o que é, e quero entender. Passa um tempo, uma lufada de vento traz um alívio para o calor. O vento é o que faz a coisa se mexer. Não está viva, deve ter morrido na queda. Chego mais perto e voou por cima, não vejo olhos ou cauda, é um bicho estranho.

O sol caminha no céu, mas um tempo se passa e nada acontece. As cores são inebriantes. Eu poderia olhá-las por dias, mas ainda assim não saberia o que é. Sigo o caminho, meu destino, vou rumo ao horizonte e tudo que levo comigo são as lembranças das cores, daquelas cores tão brilhantes e lindas, sigo colorido.

Na visão de um pássaro

Érika Cristina Faria de Souza



O vento batia em minhas asas me convidando a alçar altos voos. Como era bom ser livre! A cada abalroar de asas era como se estivesse voando pela primeira vez e a euforia tomava conta do meu coração.

Lembro-me ainda daquele final de tarde. O sol despedia acenando e deixando entrar o escurecer da noite que se aproximava. Minhas únicas barreiras eram os galhos das árvores que ficavam para trás quando minha agilidade os contornavam. Não sabia que aquela tarde seria de uma inesperada descoberta, de uma mudança brusca e de início assustadora.

Em um dos momentos de um belo voo rasante, por uma fração de segundos me permiti fechar os olhos. De repente, senti um esbarrão e me vi caindo ao chão de um jardim.

Assustado, demorei um pouco a me situar, e a perceber uma dorzinha na minha pequena e delicada asa azul. Avistei, de longe, o que interrompeu o meu voo.

Era grande e diferente, feita de tijolos. Um pouco acima existia uma espécie de fumaça branca. “Com certeza, devo ter batido nesse amontoado de tijolos”. Olhando ao redor, percebi que havia várias plantas e flores e, logo, senti a necessidade de tocá-las com meu longo bico, porém refuguei quando avistei um gigante de duas pernas se aproximando e, como eu não conseguia voar, fui de pulinho em pulinho me afastando para trás.

Há tempos atrás minha mãe me disse algo incisivo sobre esses gigantes de duas pernas:

“São perigosos, não se aproxime!”

Assim, sempre procurei não voar entre os pequenos jardins domésticos. mesmo os mais floridos. Preferia voar livremente pelas matas, mas por algum motivo vim parar aqui e me encontro de frente para esse gigante.

Meu pequeno coração que antes batia acelerado por felicidade, agora palpitava descompassadamente de medo. Fechei meus olhinhos mais uma vez. Recordando o que minha mãe dissera; já aguardava o pior, pois sabia qual seria o meu fim.

Como queria, naquele instante, bater minhas asinhas pela última vez, porém meus últimos segundos seriam tristes, sem o vento sentir.

Depois de um longo tempo de olhos fechados e encolhido, fui abrindo-os com lentidão. O gigante se agachara para mais próximo de mim, e mostrava os dentes. Não senti pânico, nem medo, apenas curiosidade.

Ele tentou me tocar com um de seus cinco grandes galhos, mas recuou assim que me encolhi. Os grandes dentes sumiram e sua expressão se tornou estranha, água começou a sair de seus olhos e eu me compadeci. Gradualmente, fui perdendo o medo e permiti aproximar-me. Bloqueei todas as lembranças de minha mãe, para que não interrompesse essa possível aproximação. Por algum motivo, eu queria me aproximar, queria conhecer essa novidade e descobrir qual monstruosidade estava à minha frente.

A curiosidade também alcançou o gigante. Quando ele viu minha aproximação, os dentes antes tão assustadores, deu um brilho diferente a sua massa redonda de pele. Comecei a observar a coloração avermelhada de sua folhagem estranha e longa acima dos olhos. Abaixo dos olhos havia pequenos pontos vermelhos também dando um ar até mesmo angelical.

Parecia me dizer coisas, mas não compreendia seu vocabulário. Subitamente, saiu correndo para a construção de tijolos e retornou com um potinho parecido com os que utilizo para tomar água e algumas frutinhas.

Eu gostaria muito de entendê-lo, mesmo que fosse por alguns minutos. Gostaria de saber o nome dado a sua gigantesca casca. Uma tristeza me consumia, pois, ele parecia querer cuidar de mim e eu não entendia nada.

Dei alguns pulinhos até a água e biquei as frutinhas. Ouvi um som estranho vindo dele, mas, pelos seus dentes à mostra, parecia estar feliz. Sorri em resposta, mesmo não sabendo se ele entenderia.

O dia se passou... O gigante trazia suas bugigangas coloridas para o quintal, às vezes ele apontava para o objeto e olhava para mim como se me explicasse o que fazia. Tudo muito novo e diferente, minha mãe me mataria se soubesse que estava a poucos pulos do gigante.

O sol foi cedendo lugar à lua que já aparecia no céu radiante, comecei a me sentir frustrado. Como iria embora? Como retornaria para o meu lar?

Olhei para o gigante e ele observava o próprio lar. Parecia pensativo. Ele me olhou e sorriu, como se tivesse uma ideia.

Com rapidez, pegou-me com todo o cuidado, enquanto meu coração quase saía pelo bico. Percebi que ele estava me levando para dentro daquele amontoado de tijolos. Quando passamos pela enorme entrada de madeira, ele correu, correu e saltou para voar para a segunda parte da enorme casa. Por um momento, pensei que fossemos cair, pois o gigante não tinha asas.

Ainda enlaçado pelos seus longos galhos, adentramos para um enorme lugar, seria a casa do humano? Não havia árvores, nem flores, mas pude ver muitas imagens nas paredes, bem coloridas, brilhantes. Uma em especial chamou minha atenção, pois a tela brilhava e nunca parava de brilhar. Pensei que pudesse ser uma estrela cadente ali naquele lugar. O medo já tinha se despedido dando lugar ao encanto.

Ele colocou-me sobre algo bem fofo, mais macio que as folhas da minha cama, depois voltou com uma espécie de pote, e de lá tirou algo branco e comprido. Com muita delicadeza colocou sobre minha asinha.

Naquele lar, eu permaneci por uma semana, sendo cuidado, e alimentado todos os dias. Era engraçado quando um gigante mais gigante chegava no quarto, o gigante

menor vinha me esconder em algum lugar; parecia que me protegia.

Aquela semana mudou minha visão, minha vida, minha história. Naquela época, eu era uma criança e, descobri, posteriormente, que o gigante que me acolheu também era.

Hoje, voo pelos campos em direção a uma casa em específico, com o tempo aprendi a linguagem dos humanos, descobri o nome das partes do seu corpo e de seus objetos.

Hoje, estou voando para minha segunda casa.

Depois daquela semana, minhas tardes eram divertidas, sempre ia visitá-lo. Nós crescemos juntos, sofremos juntos e nos alegamos juntos.

De longe, avistava um pequeno humano mais velho, com seus cabelos grisalhos a sorrir para mim, a minha água e minhas frutinhas estavam sempre à mesa me convidando para nosso eterno café da tarde.

Nunca mais tive medo de humanos, aprendi a discernir os bons dos maus. Um dia, o gigante salvou minha vida e hoje, eu o salvo da solidão.

Diariamente ele é visitado por vários bichos que são cuidados e amados, hoje ele encontrou a felicidade de um ser ele mesmo na doação de seus dias.

Um dia encontrei e me encantei com a bondade que todo ser humano tem, mesmo que alguns ainda não a vivenciem. Minha completude diária está em acompanhar essa bela amizade que se estenderá por muitos anos...

Então, lembre-se, caro pássaro: "se algum dia você puder ler esse escrito, entenderá que a vida são os segundos. Que os momentos podem ser eternos. Que suas asas podem sempre bater mais uma vez, basta abrir seus olhos, visualizar as flores, tomar a água limpa e comer os frutos deliciosos que a vida proporciona. Enfrente seus medos e se encontre na sua coragem de ser um pássaro".

Com carinho, Beija-flor!

O milagre da meia-noite feliz

Ione Morais



Numa aldeia não muito distante, vivia um bando de pássaros marrons. Eles estavam muito amedrontados por causa da temível Rainha da Noite, uma coruja que tinha dizimado quase toda a população de aves da região.

Os pássaros marrons não gostavam de intrusos, pois podiam atrair a Suindara, principalmente se tivessem a plumagem de outras cores.

Eles acreditavam que apenas os passarinhos da cor marrom poderiam se misturar às folhas secas das árvores para enganar sua predadora mais feroz.

Certo dia, apareceu no alto de uma grande árvore, que eles chamavam de “Torre de Vigia”, um Galo-de-campina. Com sua crista vermelha, ele foi logo visto pelos outros animais.

– Olha só que atrevimento, esse branquelo de cabeça ruiva! – disse logo o Sabiá-de-barranco.

– Vamos expulsá-lo. Ele não pode ficar entre nós! – bradava o Sanhaço-de-coqueiro.

Enquanto alguns ficaram apenas olhando, um bando fazia uma revoada perto do pássaro para tentar afugentá-lo. O passarinho, que estava cansado de tanto voar disse-lhes:

– Vocês não querem me dar um pouco de água para beber e sementes para comer? Posso cantar como forma de pagamento! – falou para um dos tico-ticos.

– Não temos nada para você, seu alienígena de outro mundo! Nem queremos ouvir o seu piado. Faça-nos um favor, vá embora daqui! – berrou o Capitão-de-peito-marrom, dando uma investida contra o forasteiro.

– Mas..., mas... O passarinho tentava falar-lhes que ele tinha se perdido de sua família quando estavam indo rumo às terras quentes do Nordeste.

Não suportando mais a pressão, o pequeno peregrino exausto e com fome, desmaiou, caindo da torre.

– Acho que esse intrometido já era! – resmungou o flautim.

– Também acho que ele foi para a terra das canelinhas secas – sentenciou uma alma-de-gato.

Seguros de que estavam livres do pobre sedento e faminto, os pássaros uniformes foram cada um para sua morada, pois a noite já estava chegando.

Sua majestade, a coruja, não tinha piedade de ninguém, nem mesmo dos filhotinhos que acabavam de sair do ovo, os devorava sem nenhuma compaixão.

Lá pela madrugada, um grito rouco e congelante pairou sobre a aldeia. Todos sabiam que a malvada estava prestes a agarrar mais uma presa. Todavia, um lindo e alto canto trinou pela floresta abafando os ruídos da senhora da noite, e em seguida, um silêncio mortal fez-se ali.

Desesperados e esperando pelo pior, nenhum deles conseguiu dormir. O dia clareou e ouviu-se boca a boca que não tinha nenhuma baixa entre os habitantes daquele campanário.

A notícia que se espalhou aos quatro cantos da floresta foi que, ao escutar o bradar do assovio inebriante, a coruja tinha ficado desorientada, vindo a atropelar-se contra uma maminha de porca, por cuja causa fugiu dali para bem longe. Os pássaros marrons foram salvos pelo exótico passarinho que queria somente uma asa amiga para se refugiar.

Envergonhado por terem sido tão rudes, voaram atrás do galinho de crista vermelha, para pedir-lhe desculpas e juraram que iam ser mais tolerantes e amáveis com aqueles que consideravam diferentes deles.

A lição foi aprendida, e o Capitão-de-peito-marrom, decretou feriado no arraial da passarada, por causa do milagre que receberam naquela noite.

Não é apenas conversa de passarinho

Eduardo R. Alexandrino

Gabriel G. M. Mesquita



Há um ditado entre as aves que diz “cante bastante até ser ouvido”, mas já estou farta de cantar para outras aves e elas não querem discutir comigo sobre o que ando vendo aqui onde vivo. Então, melhor contar a vocês. Juro que não é fofoca.

Começarei dizendo que moro em uma reserva ambiental chamada Legado das Águas, um lugar repleto de árvores, bromélias e orquídeas. Todos que eu conheço e que vivem aqui possuem um papel importante para a manutenção dessa floresta e, quando não podemos realizar nosso trabalho, logo, logo alguns problemas ambientais aparecem. Uma das minhas principais responsabilidades, e que eu aprendi ainda pequena, é voar pela floresta e comer frutinhas de várias árvores para então espalhar suas sementes. Este é um trabalho passado de geração em geração na minha família.

Você já deve ter adivinhado quem eu sou, certo?! Mas, para quem não é bom com palpites, sou uma saíra-militar ou, de preferência, saíra-de-lenço. Fui batizada de ‘Sorte’, mas o porquê deste nome eu te conto em uma outra oportunidade. Bem... agora que parei para pensar, mesmo que você seja um ótimo observador de aves, talvez possa ter tido alguma dificuldade para adivinhar quem sou. Afinal, nesta região onde vivo, existe uma diversidade incrível de pássaros que fazem a mesma coisa que eu. Só pra exemplificar, já devo ter escutado mais de 300 dialetos diferentes por aqui, é muita diversidade de espécies para uma reserva só.

E por falar em diversidade, preciso dizer que tem uma espécie nova por aqui que chegou não faz muito tempo. São os tais “seres humanos”. Aqui na floresta eles são

minoria. Há alguns que sempre vejo perambulando pela região e confesso que até simpatizei com a cara deles. Mas, de uns anos para cá, percebi que alguns humanos que eu nunca vi na vida começaram a nos visitar. Eles são meio esquisitos, muitos vão até o rio Juquiá ou até às cachoeiras que existem aqui na reserva e ficam todos sorridentes se banhando nas águas por horas. Acho uma falta do que fazer gastar tanto tempo assim no banho, mas quem sou eu para julgar, né?!

Enfim, voltando para a história, te digo que alguns fatos curiosos começaram a acontecer por aqui há alguns anos e eu aposto que é tudo obra dos humanos. Juro que não é conversa de passarinho, presta atenção.

Certo dia, eu e minhas amigas vimos um humano instalando um comedouro num local alto da floresta. Para quem não conhece, comedouro é um lugar onde os humanos oferecem várias frutas para nós, aves. Depois que instalaram esse comedouro, te digo que o lugar ficou super badalado, principalmente no inverno. Várias aves voam até lá para pegar um sol e comer algumas bananas. Toda vez que aparecemos lá, os humanos ficam nos observando. Rola até uma brincadeira entre nós – ficamos sempre paradinhas, mas quando eles apontam suas câmeras, fazemos questão de voar, só para ver as caras de bobos que eles fazem depois. Claro que tem uns humanos que são rápidos no gatilho e que conseguem boas fotos. Apesar de eu sempre sair linda nas fotos, a minha missão ali é encher a barriga e colocar o papo em dia.

Porém, houve um dia em que algo muito, muito bizarro aconteceu perto do comedouro. Surpreendentemente, eu vi algumas aves que pareciam estar paradas no ar. Isso não fazia o menor sentido. Eu e minhas amigas vimos tudo isso enquanto estávamos pousadas em um pé de limão próximo. Levou um tempo para entendermos toda aquela cena e descobrir que elas estavam presas em uma rede bem fininha, difícil de ser vista. Depois disso, dois humanos se aproximaram e retiraram as aves da rede e as levaram para uma sala próxima do local.

Ao ver aquilo, eu fiquei em choque. Mil e uma coisas passaram pela minha cabeça. Porém, consegui manter a calma e combinei com as minhas amigas para não visitarmos o comedouro por algum um tempo, só por precaução, até termos mais informações sobre o que estava acontecendo.

Os dias se arrastavam no tempo e em minha cabeça transbordavam teorias sobre o mistério das aves capturadas pelos humanos. Embora eu tivesse medo, ainda estava louca para desvendar esse mistério. Algumas semanas depois, não me aguentei de curiosidade e decidi voar até o comedouro novamente. Eu precisava ver como as coisas estavam por lá e se alguma bizarrice nova estava acontecendo. Mas, para não colocar minhas amigas em risco, resolvi ir sozinha. Quando eu estava chegando, pude ver diversas aves se alimentando no comedouro, normalmente, como se nada tivesse acontecido. Eu fui me aproximando como quem não queria nada com nada, e foi então que eu vi algumas aves usando pulseiras. Ave usando pulseiras?! Pulseiras não são coisas de humanos?! – foi o primeiro pensamento que me veio à cabeça. Para que servia aquilo? Cada ave possuía uma combinação diferente de pulseiras, com quantidades e cores únicas.

Como se não bastasse, ao lado do comedouro estava instalada uma caixa preta chamada “armadilha fotográfica”. Perguntei a algumas aves do local por que aquela coisa estava lá, mas até aquele momento, ninguém entendia ao certo o que estava acontecendo. Apenas no fatídico dia em que eu receberia as minhas pulseiras, alguns meses depois, tudo seria esclarecido.

Se me lembro bem, foi no dia 4 de março de 2020, enquanto eu voava em direção ao comedouro, quando, de repente, me vi presa naquele mesmo tipo de rede. Como um *flash*, me veio à memória a lembrança das aves que eu havia visto presas na mesma rede tempos atrás e tudo que eu pude pensar foi uma velha e comum expressão “Eita...”.

Em questão de minutos os mesmos humanos que vi daquela vez retirando aves da rede apareceram e, com muito cuidado, me soltaram dela. Eles me levaram para

a mesma sala que haviam levado as outras aves. Rapidamente, eles me avaliaram, me pesaram, me mediram e, quando eu pensei que estava acabado, eles me presentearam com o acessório 'sensação do momento', duas pulseiras. Uma era prateada, e outra era amarela, minha cor menos favorita. O que me deixou mais surpresa foi que nenhum humano maltratou a mim ou as demais aves que também foram capturadas comigo. Corria na época umas fofocas entre as aves de que as aves usando pulseiras eram maltratadas, mas posso afirmar que nada de ruim me aconteceu. Pouco tempo após a minha captura, eu já estava livre novamente.

O tempo que passei na sala com os humanos foi muito informativo. Entendi que as pulseiras faziam parte de um projeto de pesquisa e suas combinações eram únicas para cada ave. Juntamente com os vídeos que a armadilha fotográfica capturava, os humanos, chamados "pesquisadores", poderiam avaliar a frequência que eu e minhas amigas frequentávamos o comedouro e o tempo que ficávamos por lá. Depois disso comecei entender que as demais aves tinham na verdade invejinha das aves com pulseiras, por isso espalhavam aquelas fofocas. Aposto que tudo ficou gravado lá na armadilha fotográfica. Aliás, por falar em ficar gravado, confesso que, hoje, morro de medo de vazarem um vídeo meu falando mal da Zulanca. Não conhece a Zulanca?! Procura no Instagram e você vai ver quem é. Nossa! Não suporto ela! É uma saíra-sete-cores folgada com pulseiras azul e branca. Ela quase nunca sai do comedouro e se acha a dona dele.

Mas voltando para a história, ouvi que as pulseiras e os registros poderiam ajudar os pesquisadores até descobrirem a nossa idade – achei essa ideia de especular a minha idade um pouco indelicada da parte deles, mas tudo bem.

Hoje em dia, todos os humanos que visitam a reserva são convidados a nos registrar e compartilhar as fotos e vídeos com os pesquisadores que nos colocaram as pulseiras. Eles chamam isso de "ciência cidadã", onde todos podem colaborar com o projeto.

Apesar de ter passado por toda essa louca experiência, hoje eu entendo que enquanto eu e outras aves usando pulseiras estivermos por aqui, ajudaremos os pesquisadores a entenderem melhor como proteger a nossa casa e a formar cidadãos conscientes da importância de conservar o nosso legado, a floresta que plantamos.

Eu juro que tento explicar isso tudo para minhas amigas, mas elas não me ouvem. Agora que você já sabe, que tal vir aqui me ajudar a explicar tudo para elas?

As estranhezas da tiriba Lica

Eduardo R. Alexandrino



Os humanos são estranhos! Pronto, falei! Não sei se eu os incomodo com essa declaração, mas não sou mais filhote, e a partir de agora vou falar tudo o que acho. Afinal, hoje vivo no meio deles e eles precisam saber como me sinto.

Quando eu era mais nova, sempre os via de longe, na maior parte das vezes enquanto eu ficava pousava na copa das árvores altas. Acontece que de um tempo para cá resolvi seguir uma turma de tiribas que passaram a frequentar locais bem mais próximo destes seres bípedes que se dizem inteligentes. Nós, tiribas-de-testa-vermelha, andamos sempre em pequenos bandos ou casais. Vivemos na pequena cidade de Santa Teresa, no interior do estado do Espírito Santo, que é rodeada por florestas incríveis. Meus pais me falaram que eu nasci perto da cidade, mas que tenho parentes distantes que vivem no meio das florestas da região.

Bom, minha estranheza aos humanos começou quando eu e meus colegas resolvemos visitar um parque bem arborizado no meio da cidade chamado de Museu de Biologia Professor Mello Leitão. Esse parque é visitado por vários humanos. Embora muitos nem prestavam atenção em nós, descobrimos que outros ofereciam bananas em comedouros para as aves que passam pelo local. Lembro bem da primeira vez que comi aquelas bananas.

– Hummm, que delícia! – era difícil encontrar frutas assim tão carnudas nas árvores, e aquelas bananas eram uma feliz novidade.

Logo no primeiro dia que visitei este parque, me chamou a atenção haver vários papagaios dentro de uma grande jaula. A maior parte parecia bastante tranquila e feliz lá dentro, mas havia um chauá que nos olhava estranhamente e soltava algumas frases.

- Não seja besta, fuja enquanto pode.
- Humano mau te pega, humano mau te prende.

Um dia resolvemos conversar com ele e saber porque falava aquelas frases. Ele nos disse que, quando jovem, vivia livre e feliz nas florestas da região, até que um dia um humano o capturou. Por anos viveu triste numa gaiola pequena em uma casa. De tão triste, passou a comer menos e suas penas foram caindo com o tempo. De tão feio que ficou, um dia o humano que o mantinha preso se encheu e o deu para o parque. Somente no parque passou a receber os devidos cuidados e suas penas voltaram a crescer. Ainda que agora vivia bem naquela jaula, disse que sentia falta da liberdade e por isso vivia alertando as demais aves para temerem os humanos. Eu e meu bando achamos esta história super estranha. No começo pensávamos que era invenção dele.

– Por que alguém aprisionaria uma ave? Qual é o prazer nisso? – nós pensávamos.

O chauá também não tinha respostas para estas nossas questões. Mas, quando questionamos por que aquele humano simplesmente não o soltou quando não o quis mais? Vários papagaios na jaula responderam juntos:

– Alguns humanos dizem que após vários anos enjaulados perdemos a habilidade de sobreviver na natureza!

Nossa! Depois de ouvir isso, eu e o meu bando ficamos perplexos. Terminamos a conversa ali e fomos embora. Mais tarde discutindo sobre o que ouvimos e resolvemos decretar que a nossa regra número um seria “jamais deixar um humano nos tocar, é muito perigoso”.

Por meses visitamos aquele parque para nos alimentar sem sermos incomodados, embora o chauá enjaulado sempre repetia as mesmas frases. Um dia foi diferente. Eu e meu bando havíamos acabado de chegar no parque e estávamos pousados no alto de uma árvore analisando por qual caminho desceríamos até um dos comedouros. Quando estávamos prestes a descer, ouvimos no meio de uma falação de papagaio enjaulado uma frase diferente que dizia:

– Olha a rede! Olha a rede! A rede te pega! A rede te pega!

Os mais velhos do bando ficaram intrigados com aquelas frases diferentes e resolveram esperar um pouco, antes de avançar. Eu, no entanto, pensei:

– Bora descer na frente, pois assim eu como mais bananas!

Bom, você já deve imaginar o que me aconteceu em seguida, né? A rede me pegou! Era uma rede bem fininha e quase imperceptível. Fiquei presa nela por uns minutos, até que um humano apareceu para me retirar de lá. Embora ele tomasse todo o cuidado para não me machucar, eu gritava por ajuda, pois a única coisa que pensava era que minha regra número um estava sendo violada.

A ajuda não veio, pois o bando todo se assustou e partiu em retirada, mas ouvi o chauá gritando lá da jaula.

– Bica! bica! bica ele!... – e foi o que fiz.

Taquei uma bicada no dedo daquele humano que eu o fiz cantar mais alto que araponga no meio do mato. Foi estranho, pois fiz um buraquinho no dedo dele, mas mesmo assim ele continuava me segurando delicadamente e colocava em minhas pernas duas coisinhas parecidas com pulseiras, sem expressar raiva alguma. Eu fui solta alguns minutos depois e logo pensei:

– Esse humano não me parece mau – por que me soltou?

Mais tarde, reencontrei meu bando numa árvore próxima do parque e todos ficaram felizes em me ver. Todos acharam estranho o fato de eu não ter sido colocada numa jaula, afinal, não era isso que o chauá disse que os humanos faziam? Ainda assustada, eu não tinha respostas. Lembro que me perguntaram tanto sobre as pulseiras, que mais tarde, quando me acalmei, eu passei a prestar atenção nelas. Em uma perna havia uma branca que era de plástico e na outra havia uma de metal cheia de números. Logo de cara eu resolvi retirar a branca pois não gostei da cor, mas resolvi deixar a de metal, pois adorei o estilo *fashion* dela.

Nos dias seguintes, ouvimos alguns sabiás e sanhaços da região dizendo que mais redes estavam aparecendo perto dos comedouros daquele parque e que mais aves estavam ganhando pulseiras. Como eu e meu bando não falávamos bem “sabiãês” e o “sanhacês”, ficamos cheio de dúvidas sobre o porquê desses casos estranhos e decidimos evitar o parque por um tempo.

Passamos a frequentar um comedouro que ficava na janela de uma casa que tinha um lindo jardim arborizado. Lá havia sementes de girassol...

– Humm, esse é outro alimento que passei a apreciar desde a primeira vez que provei.

Embora nos primeiros dias de visita, tudo corria normalmente, pra variar, um dia comecei a observar coisas estranhas também ocorrendo por ali. Percebi que uma simpática humana começou a me fotografar. Eu era fotografada todos os dias que eu visitava o comedouro dela.

– Mas por que só eu? – pensava.

– O bando todo estava sempre lá comigo, mas o alvo era sempre eu.

O ápice da estranheza foi quando ela começou a me chamar de Lica. Confesso que de tanto ela me chamar de Lica, passei a gostar do nome. Reparei um dia que sempre que aquela humana tirava uma foto minha, ela mandava para alguém usando aquele aparelho que os humanos chamam de “celular”. Posso te dizer que em dois anos vi essa senhora fazendo exatamente a mesma coisa, mais ou menos 50 vezes. Coisa estranha, não?

Felizmente, um dia eu e meu bando começamos a entender algumas estranhezas daquela época. Vimos aquele humano que me deu as pulseirinhas conversando com a senhora que me chamava de Lica. Ele disse que estudava aves e estava explicando que era muito importante ela continuar registrando as vezes que visitavam seu comedouro. Ele incentivava várias pessoas na cidade a fazerem o mesmo, afinal ele estava investigando como nós sobrevivíamos na região e o quanto os comedouros

ajudavam. Após ouvir essa parte da conversa, comecei a entender porque eu era fotografada por aquela senhora.

– Eu era a única tiriba da região usando pulseiras e isso me diferenciava das demais.

Os humanos não conseguem distinguir indivíduos de uma mesma espécie de ave facilmente e precisam que algumas usem as pulseirinhas para criar alguma diferença entre nós.

A partir desse dia, já sem receio, eu e meu bando voltamos a frequentar o parque. Lá, fizemos amizade com outras aves que também ganharam pulseiras e fiquei sabendo que todas elas também eram alvo do estudo daquele humano. Fiquei muito feliz de saber que eu fazia parte de um estudo que envolvia várias aves da cidade. Algumas nos contavam histórias sobre o dia que receberam as pulseiras, e qual era a reação dos humanos quando os encontravam?

– Olha ali! Uma ave usando pulseiras! – é o que diziam.

Foram dias em que eu consegui desenvolver bem minhas habilidades linguísticas, conversei com sabiás, tiês, pardais, saíras, arapaçus, entre outros. Algumas aves tinham até ganhado nome, como eu. O nome mais estranho que ouvi foi Hulk, dado a um tempera-violão. Sei lá o que significa.

Mas antes que você ache que todas as minhas estranhezas foram resolvidas, infelizmente ainda há um trecho da história pra contar. Um dia, participei de uma reunião entre as aves para discutir o porquê nem todas as pessoas da cidade nos observavam. Eu fui convidada, pois, no meu caso, só a senhora que me chamava de Lica, me observava.

Um sabiá com pulseirinha preta, que morava no parque, adicionou à discussão que ficou sabendo que nós aves usando pulseiras também éramos estudadas para ajudar alguns humanos entenderem as consequências negativas do desmatamento na região. Muitas florestas vinham sendo cortadas ao longo dos anos, e se o cenário não mudasse, um problemão para as aves seria criado no futuro.

Ele ouviu essa notícia do humano que nos deu as pulseirinhas enquanto conversava com quatro pessoas que observam aves no parque. Todos nós ficamos assustados com essa notícia, e eu logo pensei em meus parentes que vivem nestas florestas.

– Para onde eles iriam? Será que viriam aqui para a cidade disputar alimento comigo nos comedouros? E as demais aves? – eu pensava.

Até então, achava que aprisionar aves era o ponto alto da estranheza humana, mas destruir o lugar onde um animal vive?!?

Por causa dessa última passagem, confesso que há dias ando pensativa. Se antes eu achava normal nenhum humano nos notar, hoje me questiono se “os estranhos” deveriam ser aqueles que não fazem isso.

– Será que é por isso que há humanos que não se preocupam em preservar as florestas da região? Será que é por isso que há humanos que admiram aves presas em jaulas?

Sei que meu pequeno cérebro de tiriba não é capaz de responder tudo, mas ao menos hoje começo a acreditar que os humanos que se importam conosco, não deveriam ser “os estranhos” dessa história. Assim, vou parar por aqui antes de achar que tudo que contei está estranho e eu resolva reescrever esta história completamente.

A pardal que se embolou

Vanessa Morais



A história que vou contar se passa na cidade de Santa Teresa, no estado do Espírito Santo. Eu me chamo Cora Coralina e nasci em um dia chuvoso de verão, junto com meus dois irmãos, Gilberto Gil e Nelson Mandela. Somos uma família de pardais. A mamãe sempre diz que nossos nomes foram inspirados em humanos com histórias bem bonitas e que são exemplos de humanos muito legais. Nós moramos no quintal da casa de um casal muito simpático, a mulher se chama Ranielle, ela trabalha como biomédica e o homem se chama Bruno e trabalha como publicitário. Minha mãe disse que eles adoram livros e cinema e foi de uma dessas histórias que eles leram e/ou assistiram que ela tirou nossos nomes.

Mamãe e papai construíram nosso ninho um pouco antes da gente nascer, eles pensaram que o ninho seria retirado pelo casal, mas ocorreu o contrário, e quando nascemos, eles conversavam conosco e ofereciam alpiste e frutas para nós.

Todo domingo, depois do almoço sempre ficamos juntos, mamãe fica na cadeira fazendo tricô, papai fica no rádio escutando o jogo com meus irmãos e eu fico vendo "passarinflix". Adoro o seriado de uns Falcões que são amigos e vão vivendo as adversidades da vida adulta.

Houve um domingo, em que mamãe estava explicando algo sobre "rede de neblina", mas eu não liguei muito. Lembro que o Mandela, então me perguntou:

– Cora, você está prestando atenção no que a mamãe está falando?

– Não, estou vendo o meu seriado.

– Seria bom ouvir, é muito importante.

– Ela vai repetir essa história de novo outro dia, depois eu ouço, estou vendo minha série.

No dia seguinte fomos para a escola e papai sempre nos leva até a porta. Nós três estudamos na sala da professora Márcia, ela é uma bem-te-vi muito bonita e inteligente. Nossa sala é muito colorida, organizada e aconchegante, a professora Márcia diz que assim ficamos com mais vontade de ir para as aulas. Nesse dia ela explicou sobre a Amazônia, contou sobre sua biodiversidade, plantas e animais e como o bioma é importante para o nosso país e o mundo.

Depois que a aula acabou fomos para casa, pois é uma regra imposta pela mamãe, se demoramos um minuto ela já se apavora. Pensei em pegar um caminho diferente nesse dia, então falei com meus irmãos:

– Meninos, vamos por um lugar diferente hoje?

– Qual lugar? – perguntou Gil.

– Pelo parque – disse Mandela.

– Ótima ideia!

– Acho melhor não, lá parece ser perigoso – respondeu Gil.

Gil sempre foi medroso, já eu e Mandela sempre fomos aventureiros; gostamos de fazer coisas diferentes e se quer pensamos em qualquer perigo. Então eu falei:

– Vamos Gil! Deixa de ser medroso, não custa nada ir por um lugar diferente, vai ser divertido.

– Mas a mamãe sempre diz para não mudarmos a rota de casa – disse Gil.

– Vamos Mandela, deixa esse medroso aí ir sozinho.

Ele ficou meio sem jeito, mas disse:

– Não! eu vou, mas só dessa vez.

Então, fomos pelo parque, paramos em uma árvore de pitanga que estava cheia de frutos novinhos e super deliciosos. Depois de comer, passamos pelo lago para beber uma água e fomos embora. De repente eu fiquei presa em uma espécie de rede, quanto mais eu tentava sair, mais eu me embolava naquilo, gritava de muito medo, o que seria aquilo?

Gritei:

– Socorro, socorro!

Tentei procurar meus irmãos e lá estavam eles também embolados na rede. Falei:

– Gil, Mandela, o que é isso?

– Não sei dizer – falou Mandela.

– Aí não, nós vamos morrer – disse Gil.

– E agora o que vamos fazer? Não consigo me soltar.

Gritamos como nunca tínhamos gritado na vida; eu só pensava em mamãe e papai que nos orientava dos perigos e nunca prestei muita atenção. Prometi que se saísse dali, nunca mais os desobedeceria.

Um homem começou a se aproximar e quando ele chegou mais perto vi que era alto, tinha barba e usava óculos. Ele me segurou e começou a me desembolar dali, e eu só pensava que iria morrer e não viria mais meus pais e nem meus irmãos. Finalmente, ele me tirou da rede e me colocou em um saco, gritei pelos meus irmãos, mas eles não responderam, então pensei no pior. Estávamos cada um em um saco pendurado em uma espécie de varal. Ouvei alguém me chamando e parecia a voz do Mandela

– Cora, Cora, você está aí?

– Mandela, é você?

– Sim, sou eu, Cora!

– Que alegria ouvir sua voz!

– Também estou feliz em te ouvir e saber que você está bem.

– Você sabe do Gil?

– Não! Será que aconteceu alguma coisa?

– Espero que não, porque se acontecer eu não vou me perdoar nunca, chamei ele de medroso e fiquei falando para vir conosco – choro.

– Calma Cora, vamos torcer para ele estar bem.

– O saco se abriu, eu vi o céu azul e pensei, agora chegou a hora, vou morrer.

A mão de um humano me pegou. Eu até tentei escapar, mas ele me segurou de uma forma firme, mas gentil. Era o mesmo homem que me tirou da rede. Ele pegou uns instrumentos e começou a medir a minha cabeça, meu bico, minhas asas e minhas pernas. Enquanto ele fazia as minhas medidas, uma mulher de cabelos cacheados, pele negra e chapéu na cabeça, anotava o que ele falava. Assim que ele terminou, me passou para a mulher de chapéu, ela me pegou bem devagar e vi que ela era muito bonita. Colocou umas pulseiras nas minhas pernas, em uma ela colocou uma prata com um número e na outra uma colorida, branca.

Depois de colocar as pulseiras a mulher me passou para o homem e ele me soltou e voei o mais rápido que pude, e confesso que nunca voei tão rápido na vida. No meio do caminho, lembrei de Mandela e voltei na mesma velocidade. Quando estava chegando, vi o Gil em uma árvore, gritei de emoção:

– Gil, Gil, meu irmão lindo.

– Cora você está viva!

Nos abraçamos forte e até chorei e ele perguntou:

– Você está chorando Cora?

– Sim.

– Por quê? Está machucada?

– Não, estou bem. Pensei que você tinha morrido.

– Não, eu estou bem aqui.

– Você também recebeu pulseiras?

– Sim, ganhei uma prateada e uma azul, o que será isso?

– Não tenho a mínima ideia, tem um número, você viu?

– É, tem número na prateada, será um código secreto?

– Não sei.

– E o Mandela, onde será que ele está?

– Eu o ouvi quando estava no saco, mas quando eles me pegaram na mão, não ouvi mais.

– Cora, vamos chegar mais perto para ver se conseguimos vê-lo

– Mas, Gil, pode ser perigoso, eles já nos pegaram uma vez.

– Ficamos naquela árvore escondidos.

– Está certo, vamos!

Voamos até a árvore e ficamos escondidos atrás de uma folha grande. Ficamos ali procurando por Mandela. Gil me cutucou e falou:

– Cora, olha ele ali!

– Aonde?

– Na mão da moça

– Ela vai colocar as pulseiras nele.

A moça colocou as pulseiras em Mandela e passou para o moço, e ele o soltou. Na mesma oportunidade ele voou. Fomos atrás e gritamos:

– Mandela, Mandela – eu gritei.

– Estamos aqui, irmão – gritou Gil.

Ele parou, olhou para trás e meio sem acreditar voou em nossa direção. Nos abraçamos forte.

– Vocês estão vivos! – exclamou Mandela.

– Estamos sim e você também – falou Gil.

– Olha sua pulseira colorida, são de cor diferente – laranja! – disse Gil.

– São sim!

– Vocês também têm, mas com outras cores.

– Já tivemos emoções demais por hoje, vamos para casa, meninos.

Fomos para casa e quando chegamos lá, a mamãe estava assustada e voava de um lado para o outro. Estava tão assustada que o casal percebeu e ficaram pensando no que estaria acontecendo. Quando ela nos avistou, saiu voando e nos abraçou, senti que ela estava tremendo e suando frio. Ela não perguntou nada até ver as pulseiras em nossas pernas durante a inspeção para ver se não estava faltando nenhuma pena. Então exclamou brava:

– Eu sabia que um dia isso aconteceria, vocês voltaram pelo parque, não foi?

– Sim mãe, desculpa! – argumentou Mandela.

– Não, mãe, a culpa foi dos três – explicou Gil.

– Até você Gil, o mais cauteloso de todos? – disse com uma voz decepcionada.

– Desculpa mãe – disse Gil.

– Mãe a culpa foi minha, ele não queria ir e nós o forçamos – eu falei.

– Está tudo bem, vamos entrar e tomar um banho – disse mamãe.

Percebi que o casal também ficou feliz com a nossa volta. Depois que saímos do banho vimos que tinha frutas no quintal e fomos comer um pouco. Quando terminamos cantamos um pouco na janela em forma de agradecimento.

Papai chegou e outro alvoroço aconteceu. Claro que ouvimos muitas broncas, mas dava para ver no olhar dele que estava aliviado por estarmos vivos. Ele voltou a explicar sobre as redes de neblina e dessa vez prestei bastante atenção para não cometer o mesmo erro de novo.

Antes de dormir ficamos vendo a lua e as estrelas, lá da árvore. Mas, quando percebi estava passando na televisão do casal o homem que colocou as nossas pulseiras. Ele falava que estava fazendo uma pesquisa no parque sobre a biologia das aves e a rede era uma forma de

nos capturar. Comentou que aquilo não era para matar passarinhos e que eles estavam estudando as espécies de aves que viviam naquela região e as pulseiras eram uma forma de monitorar os animais. O nome do projeto é "Eu vi uma ave usando pulseiras!?". Ele explicou que todos os estudos servem para preservar as espécies de aves. Eu vi que o casal até seguiu o projeto no Instagram para saber mais.

Bom, tudo isso me serviu de muita lição, a primeira é que devemos sempre obedecer aos nossos pais, e a segunda é que nem todos os humanos são ruins, alguns até deixam uma família de pardal viver no quintal da sua casa e gostam de projetos que ajudam a preservar as aves.

Pulseiras da sorte

Larissa Alves Corrêa



Era mais uma manhã comum na minha rotina. Como todos os dias, eu acordava cedinho com a luz do sol invadindo os galhos da árvore, ajeitava as minhas penas delicadamente com o bico e me preparava para buscar algum alimento com a intenção de saciar a minha fome matinal. Parece uma rotina simples, não é? Mas encontrar algum alimento pode ser um desafio para um animal selvagem como eu. Aqui onde eu moro, ainda restam grandes áreas de Mata Atlântica, mas que vem sofrendo impactos causados pela agricultura e urbanização. É bem ali, próximo de alguns prédios, que há um parque com muitas árvores. Se eu tivesse sorte, poderia encontrar algumas frutas e saciar minha sede em alguma poça.

Decidi ir ao parque. Era muito cedo ainda, então não havia barulhos de carros e buzinas. Em vez disso, era possível ouvir o som do vento batendo nas copas das árvores e alguns passarinhos cantando. Isso me fazia pensar em como a natureza é resiliente, mesmo após tanta destruição. Com o ar fresco passando pelo meu corpo, estava determinado a encontrar meu café da manhã.

Logo que pousei em uma das árvores do parque, tive a impressão de avistar algumas frutas e, quando fui me aproximando, fiquei encantado com o que vi. Eu não podia acreditar! Era um comedouro de ferro, cheio de frutas coloridas e suculentas. Voei até lá e comecei a comer. Peguei um pedaço do abacate que estava muito macio e um pouco da banana docinha. Que delícia! Era o meu dia de sorte e eu precisava comer tudo o que conseguisse.

Depois de fazer um verdadeiro banquete, decidi procurar alguma poça ali perto. Estava voando tranquilamente entre as árvores, quando, de repente, eu me enrosquei em uma rede cheia de linhas. O que era aquilo? O que estava acontecendo?

– Alguém me tira daqui! – gritei com todo o ar que tinha nos meus pulmões.

Meu esforço era inútil, pois ninguém podia me escutar. Quanto mais me mexia, mais eu ficava enroscado. Depois de muito tempo, fui vencido pelo cansaço. Então, de repente, escutei um barulho vindo da mata. Era um humano se movendo em minha direção, cada vez mais. Aquele homem se aproximou e colocou suas mãos em volta de mim. O que ele ia fazer comigo?

– Oi amigo! Calma, eu vou te ajudar a sair daí – ele disse, com uma voz suave.

Que alívio! Meu coração já não estava tão acelerado. Depois de me tirar daquele emaranhado de linhas, ele ficou me olhando. Acho que os meus gritos o assustaram. O homem pegou as minhas patinhas e colocou, delicadamente, umas pulseirinhas nas minhas pernas com um alicate. Eu não entendi qual era a intenção dele, mas senti que ele realmente iria me ajudar. Depois de colocar aquelas pulseiras em mim, ele abriu as mãos e me soltou. Eu saí voando rápido, precisava achar alguma poça de água para matar a minha sede e me recuperar do susto.

Pousei em uma poça não muito longe dali e comecei a tomar um banho. Jogava a água pra cima com o bico e mergulhava todas as minhas penas na água cristalina, precisava tirar a sujeira que estava a dias no meu corpo. Quando escutei uma voz, decidi olhar para o lado. Era uma menina com um binóculo na mão, apontando-o em minha direção. Ela falava algo:

– Que incrível! Um jacuaçu com duas anilhas! Preciso registrar isso – ela disse, empolgada.

Logo eu entendi que ela se referia às pulseirinhas que aquele homem colocou em mim. Mas para que servia aquilo? Eu estava confuso. Terminei o banho rapidamente e decidi voltar para a minha árvore, onde eu poderia descansar depois de tanta emoção.

Finalmente, cheguei na árvore e fiquei olhando fixamente para aquelas pulseiras em mim, uma vermelha na

perna esquerda e uma prata na direita. O que isso significava? Tentei bicá-las forte, mas eram muito resistentes. Percebi que não iria conseguir me livrar delas. Mas, olhando bem, até que elas eram... bonitas! O tom vermelho combinou com o meu papo, e agora eu tinha acessórios que me tornavam único.

No dia seguinte, logo cedo, decidi ir ao mesmo parque que havia encontrado as frutas. Dessa vez, eu seria mais cuidadoso e iria passar longe de qualquer rede que pudesse encontrar no caminho.

Fui até ao comedouro de maneira silenciosa, não queria chamar atenção. Ainda havia algumas frutas, e logo comecei a bicá-las. Quando avistei, ainda longe, o mesmo homem que tinha colocado as pulseiras em mim. Comecei a ouvir, atento, o que ele dizia. Ele estava explicando para algumas pessoas que eu sou um jacuaçu importante. Ele disse que tinha me "anilhado" e que agora poderia monitorar os meus comportamentos, hábitos e quais ameaças eu enfrento nas áreas urbanas. Isso era importante para a conservação da minha espécie.

As pessoas, de longe, me fotografavam. Eu precisava aceitar que sou famoso agora. Entendi que a minha fama é importante para algo muito maior: ajudar na conservação da minha espécie. Agora, eu tenho um propósito e, sempre que um humano me vê, fica feliz. Nunca imaginei que seria notado por tantas pessoas! Eu não escolhi a fama, mas estava disposto a ser um ídolo para ajudar na proteção da minha espécie. A partir daquele dia, eu sempre volto ao parque para me alimentar e claro, para ser notado pelos observadores de aves. Afinal, eu sou uma celebridade!

Manifesto de um passarinho

Marta Regina da Silva-Melo



Residente na Alameda dos Girassóis, área sul da cidade, confesso que não é simples viver no meio urbano, são situações que ocorrem quase que diariamente, provocando estresse, ansiedade, esgotamento emocional e, em consequência, dificuldade para dormir, que inclusive pode até ocasionar a insônia.

E por falar em insônia, mais uma vez o meu sono foi interrompido, lá pelas três horas da madrugada, por um canto de um pássaro. Essa situação se repetiu por várias madrugadas seguidas.

Nisso, constatei também que havia uma voz ao fundo queixando-se de alguma coisa. Era uma pessoa incomodada com o canto desse pássaro.

Em uma dessas ocasiões o canto ficou mais intenso, estendendo-se até os primeiros raios de sol. Fato que deixou o momento mais intrigante, pois não era apenas um simples canto de uma ave, mas um tipo de manifesto. Parei e prestei atenção para entender sobre o que ele declarava. E, traduzindo para o passarinhês... Nisso, ele relatou:

- Quem disse que é fácil sobreviver na cidade?
- Temos que nos adaptar às transformações ambientais. Mesmo sabendo que alguns humanos não simpatizam com o meu canto na madrugada, eu canto sim.
- Cantar é uma questão de sobrevivência!
- Com o barulho excessivo e constante da cidade, preciso começar a cantar mais cedo e só assim consigo atrair uma fêmea, formar família e perpetuar a nossa espécie.
- Cantamos também para nos defender de ameaças e predadores. E, óbvio, para localizar nossos filhotes.

Em outra madrugada, lá estava o passarinho cantando e mais uma vez alguém reclamando e esbravejando xingamentos. Foi nesse momento onde o passarinho reiterou seu lamento:

– Tem cabimento escutar humanos reclamando do meu canto na madrugada?

– Claro que não! Só consigo encontrar condições favoráveis para me comunicar, ouvir e ser ouvido pela minha futura parceira, no silêncio da madrugada.

– Eu já disse e repito: cantar é uma questão de sobrevivência! Com o barulho excessivo e constante da cidade, nós, os pássaros, precisamos iniciar o canto mais cedo.

Não é que o passarinho tem razão, onde já se viu concordar com pessoas que reclamam de aves que cantam? Embora muitos humanos não simpatizem com os cantos dos pássaros, cantar para eles é questão de sobrevivência!

Exausto da situação, o passarinho continuava proferindo seu manifesto.

– Não vejo cabimento acatar queixas por causa do meu canto que ecoa na madrugada, porque de modo algum isso incomoda. Na verdade, são vocês humanos que incomodam. Isso ocorre ao desmatarem áreas de vegetação para construir suas moradias, quando asfaltam as estradas e mudam a direção das coisas; quando, pelo uso inadequado do solo, sufocam as nascentes de rios, e, é claro, alteram os espaços constantemente da maneira que os convêm.

Como um bom observador desses acontecimentos, tenho que admitir que o passarinho estava repleto de razão, e que todo esse desequilíbrio é provocado pelas nossas ações. Ao alterarmos os ambientes naturais dos pássaros e de outros bichos, fazemos com que eles migrem para as cidades, com condições básicas para sobrevivência. Por consequência, precisam desenvolver novas maneiras de aprendizagens no novo ambiente, com as várias perturbações, e assim se estabelecerem.

Apesar dos inúmeros desafios no dia a dia, vamos combinar: ouvir o canto dos pássaros nos propicia contentamento e leveza. Pode ajudar a minimizar o estresse e a ansiedade que nos cerca, devido à acelerada e desgastante rotina da cidade, e por isso devemos aprender a viver em harmonia com todas as formas de vida.

Independente de ser pessoa ou bicho, viver na cidade é um grande desafio, e por muitas vezes é necessário reaprender e readaptar-se para sobreviver.

Precisamos valorizar as interações essenciais ao nosso bem-estar e apreciar as belas coisas que a vida nos apresenta. Ao ter o sono interrompido na madrugada por um canto de um pássaro, é necessário reconhecer que isso não é um problema.

E daí, se o sabiá-laranjeira começar a cantar na madrugada? Com seus acordes, é como se ele entoasse uma poesia, tecendo uma comunicação com sua futura companheira para formarem um lindo casal.

Para um bom apreciador, o canto do sabiá é uma melodia, e de forma alguma aborrece. Essa melodia pode nos envolver não só no alvorecer, mas também no entardecer, ressaltando a chegada da primavera.

Ao ouvir o canto do sabiá-laranjeira na madrugada, pode ser uma forma prazerosa de minimizar os problemas e aplacar a ansiedade do dia a dia.

Em vez de reclamar, poderíamos plantar árvores para favorecer a rotina dos pássaros na cidade e principalmente, deixá-los livres na natureza.

Silegoísmo*

Danilo Boscolo



Escuta. Ouvia isso? – O quê? Eu não ouvi um pio. Tô morrendo de fome, mas não encontro nada por aqui. Você deveria estar me ajudando.

– Mas é isso. Eu acho que eles estão chegando. – Ela ficou parada apoiada no tronco de uma grande árvore, com a cabeça inclinada e olhos abertos – os silvos. Eu escuto os silvos cada vez mais perto.

Ele parou de cutucar a casca vazia para prestar atenção. A época das chuvas estava apenas começando e o alimento ainda era escasso. Conseguir algum auxílio para forçar os insetos a saírem de seus esconderijos na mata seria muito bem vindo, mas não queria se expor demais. Se faltava para eles, faltava para todos. Mesmo assim saltou na direção que ela indicava.

– Você pode estar certa, também estou ouvindo. Devemos ir até lá?

– Sim. Vamos, em silêncio.

Seguiram em seu corriqueiro sobe e desce, escalando os troncos em pequenos pulos apoiados por suas caudas rígidas e depois planando para baixo até uma árvore próxima. Atravessaram ligeiros uma interrupção larga na floresta onde o sol batia forte, chegando do outro lado em um único voo com um rápido bater das asas para que alcançassem as árvores. Aos poucos se aproximaram do bando, composto por diversas aves, cada uma com sua voz. E enquanto aos silvos se agregavam trinados e todos os tipos de diferentes cantos, o par deixava o silêncio para entrar na crescente cacofonia daquele grupo.

– Não falei, eles estão aqui – disse ela se agitando. Vamos mais para o meio, onde é mais seguro.

– Vai com calma. Não sabemos se há perigo.

– Não há. Não ouço as sentinelas darem nenhum aviso. Acho que estão todos apenas buscando comida.

O bando agitava a vegetação, fazendo insetos e pequenos animais fugirem, formando uma nuvem que preenchia o vazio da floresta com uma explosão de alimento. Chegando no meio daquele alarido ambos se refestelaram com a densa revoada de cupins, gafanhotos e outros tantos. A fome se tornou uma sombra a dizer adeus em suas memórias. Aos poucos as outras aves começaram a se movimentar todas na mesma direção seguindo a correição de formigas que mostrava em primeira mão onde estavam os insetos ao espantá-los em sua incansável correria.

– Estão indo para outro lugar. Melhor seguirmos. – E assim ele foi até a próxima árvore, sempre no centro do bando.

– Espera, algo mudou! Não estão mais cantando como antes. Há gritos diferentes.

– Diferentes como? Não percebi na... – a fala dele foi interrompida no meio do voo por sabe-se lá o que. De um momento para outro estava preso, sem conseguir se mover. As asas semiabertas e seus dedos esticados estavam se enrolando em finas linhas quase invisíveis. – O que é isso? Não consigo sair daqui. Me ajuda! – gritava, olhando para os outros ao seu redor na mesma situação.

– Onde está você? – Ela subia veloz o tronco e ficava no alto a gritar, surpresa por ainda ouvi-lo, mas sem entender onde se prendera.

Estava confusa, pois não havia escutado nenhum aviso de perigo. Apenas o caos e então ele sumira. Voava em seu ziguezague vertical onde há pouco se alimentavam na segurança do bando. Em seu desespero parou, tentando decidir o que fazer. Foi quando ouviu um som agudo repentino, seguido por um canto familiar. Era certamente alguém igual a eles, mas não seu par. Uma voz insistente, repetindo sempre um “cai fora da minha casa” sem sair do lugar, bem na direção onde ele havia sumido. Seria um intruso? Estava confusa e se aproximou para verificar, perguntando quem estava ali, o que estava acontecendo?

Em um voo rasante se enroscou também em fios que a impediam de se mexer.

Percebeu então grandes seres se deslocando próximos a si, levando os outros do bando. Não escutava mais nem seu par e nem o intruso que a atraíra para aquela armadilha. Quanto mais esforço fazia para se libertar, mais ela se sentia presa. Foi quando um daqueles enormes animais a agarrou. Foi virada de um lado para outro, fios passando por suas penas. "Socorro, me pegaram. É meu fim", pensou sem forças para escapar, até que se sentiu livre das linhas quase invisíveis e em seguida caiu solta em um lugar escuro e apertado.

Naquela penumbra acolchoada o mundo balançou em uma confusão de ruídos desconhecidos. Sem ter muito espaço, ficou quieta por um longo período, até ser novamente trazida à luz, com as pernas presas por grandes e gordos dedos que não a deixavam se libertar. Sentiu retirar penas de suas costas, mas sem a dor de serem arrancadas. No lugar depenado veio o frio e então teve a sensação de algo ser grudado sobre sua pele. Um pequeno desconforto, como se estivesse a carregar algo entre as asas, mas sem conseguir alcançar para ver o objeto. Sentiu-se então livre, sem amarras, sobre aquelas enormes mãos no meio da floresta. Hesitou, como se esperasse ser acertada por um último golpe fatal, mas nada ocorreu. Percebeu estar mesmo livre. Antes que pudessem segurá-la de novo, abriu as asas e voou.

Encontrou-se em uma floresta desconhecida. Não eram as árvores familiares de seu território e não conseguia se encontrar entre aqueles troncos. Tudo era muito parecido, mas nada lhe era familiar. Por horas ficou sozinha tentando encontrar alguma comida, sem ter ninguém por perto. Aos poucos o sol se foi, a noite tomou conta da mata e cansada adormeceu em um sono profundo.

A manhã veio em um lento azul úmido que foi amarelando enquanto suas penas secavam no esvanecer da neblina. Ela acordou cedo em um pulo, ouvindo os típicos trinado matinais de seu par a marcar os limites de seus domínios.

– Onde você está? – ela gritava buscando por ele entre as brumas da manhã. Mas havia se enganado. A voz era apenas parecida. Outra vez uma ave como eles, mas não seu par.

– Quem é você? Que faz aqui? Este é meu lugar, meus recursos – gritava ele acompanhado de uma fêmea já se preparando para enxotá-la de lá caso não o fizesse por si própria.

– Calma, não quero nada e menos ainda uma briga. Estou apenas perdida. Não sei bem como cheguei aqui.

– Então perca-se daqui. Esta mata já é nossa. Saia.

– Espere, conheço tua voz. Já te ouvi, longe, além dos campos a limitar a floresta de onde vim.

Sob novas reclamações de ambos a demandar que tomasse seu caminho ela rumou no sentido contrário, para as bordas da mata, onde o sol já reinava forte e quente. Chegou rápido à linha limite das árvores e passou a percorrê-la de um lado a outro em busca de algo que pudesse reconhecer. Via os campos abertos e no horizonte uma linha de floresta. Por algum tempo ficou a procurar, até um som fraco chamar sua atenção. Um canto familiar, mas quase inaudível ressoava insistente à distância. Seu par, na mata além daquele largo espaço de terra avermelhada salpicada de pequenas plantas. Se alvoroçou toda. Sabia, então, onde devia ir para retornar a sua casa, só não sabia bem como. As matas de seu território estavam muito distantes para voar sem haver troncos onde se apoiar no meio do caminho. Teria que encontrar uma alternativa.

Circundando o limite entre a sombra e o sol por sobre os densos arbustos à borda do campo encontrou um conjunto de altas árvores não muito distantes agrupadas na área aberta. Em um único voo, como aqueles que sempre fazia para acessar os diferentes trechos de floresta incluídos em seu território, conseguiu chegar e pousar nos troncos, descansando para pensar no que fazer dali em diante. Encontrou mais uma árvore isolada para onde rapidamente se dirigiu. O calor a cansava, mas já estava longe demais

para voltar. Via uma estreita faixa de floresta bem mais próxima, a qual poderia alcançar com algum esforço. Subiu o mais alto possível na muito lisa e comprida árvore, tomou fôlego e voou como nunca. Planou tanto quanto pode e quando estava já perto do chão bateu com força suas asas, a ponto de se lembrar que carregava algo estranho em suas costas. Ainda repetiu as batidas de asas para se manter voando algumas vezes até que, quase no final de suas forças, alcançou a floresta do outro lado dos campos.

Ainda apoiada no alto das árvores, respiração rápida e profunda, tomou seu tempo à sombra, esperando o corpo esfriar do esforço. Ao se recuperar adentrou a mata estreita, percorrendo-a o mais rápido que já conseguira em direção ao local onde se alimentavam no dia anterior. Onde achava ter escutado seu par à distância. À medida que se aproximava, podia ouvi-lo melhor chamando por ela sem parar.

– Volte! Onde está você?

– Aqui. Aqui. Escapei viva!

Ele saltou e trinou diversas vezes com o retorno de sua parceira. O reencontro encheu ambos de esperança. Haviam sobrevivido aquele estranho evento. Não um predador, mas não uma ajuda. Um susto sem explicação para ficar em suas memórias.

– Você está meio depenada. Está bem?

– Estou. Não sei o que aconteceu. Pensei ser meu fim, mas de repente me soltaram muito longe, além dos campos abertos. Não me aconteceu nada de grave, mas demorei muito tempo para encontrar meu caminho de volta.

– Comigo também, me soltaram depois de mexerem em minhas costas, mas eu estava do outro lado do território. Vim para cá rápido te procurando.

– É mesmo. Posso ver que há algo entre tuas asas. É comprido, mas só se vê quando você voa. Me colocaram algo assim também.

– Esquece isso. Na verdade, não incomoda muito. Vamos sair daqui, toda essa confusão me deu muita fome e agora vai depender só de nós, de novo.

Subiram cada um seu tronco e saíram planando para a próxima árvore, sem saber nada sobre as pessoas ao longe com dois pares de antenas observando atentamente os sinais que aqueles novos apêndices em suas costas emitiam em silêncio.

* Do Grego *Syllégo*, que significa “Coleta”, consiste na interação ecológica de coleta de dados’ e informações entre cientistas das áreas de bioecologia, evolução e história natural com as espécies objeto de seus estudos.

Ficcionalização do artigo: Boscolo D. et al. 2008. Importance of Interhabitat Gaps and Stepping-Stones for Lesser Woodcreepers (Xiphorhynchus fuscus) in the Atlantic Forest, Brazil. BIOTROPICA 40(3): 273–276.

Pássaro azul

Ane Coutinho



Havia um pássaro que pousava a beira de um rio para observar o arco-íris. Sonhava com um barco navegando até o outro lado para ver as cores que tocavam as águas. Saltava de galho em galho na tentativa de quebrá-los. De um certo modo até cair ao chão.

Mas era quase que impossível. Tão pequenino não tinha forças para derrubar um galho. Nenhum galho tão alto serviu perfeitamente. Uma vez muito pequeno sentiu-se incapaz.

Cansado, quase desistindo pôs-se a chorar a beira do rio. Num canto triste e sereno com os olhinhos voltados ao céu. Mas um galho pequeno com quatro folhinhas verdes o surpreendeu caindo ao seu lado e vagarosamente deslizou a sua frente sob a água cristalina.

Pisou sobre ele e respirou. Num salto pousou abrindo as asinhas deixando-se levar. Mesmo ansioso e cheio de coragem descobriu um novo mundo sob as águas. Sentiu o vento em suas penas. E com a magia da floreta atravessou sob o arco-íris da cachoeira. Seu pequeno coração exaltava uma música jamais ouvida. Jamais composta. Pequenino, perdido entre o sonho e a realidade.

Desaparecendo na colina após os girassóis. Seguiu valente cheio de energia. Levando consigo o grande mistério da natureza. Realizando uma proeza tão magnífica não dividiu com mais ninguém a sua habilidade: Navegar.

Um pássaro que poderia ter seguido até o arco íris sem a ajuda de um galho. Feito para o céu, com asas fortes. Por que se tornou tão atrativo viajar sobre as águas? Ver e presenciar o magnífico a cada amanhecer.

E foi com suas forças que pôde realizar seu sonho. Desejou ser Único e Fantástico. E quando o tempo chegou para ele, descansou a beira do lago. No mais profundo suspiro. Em sua velhice com o coração de um jovem pássaro e a alma de navegante fechou os olhos e adormeceu.

A Coruja e o Pica-pau

Thithi Johnson



Toc toc toc toc toc toc toc toc toc toc

“Oh não! Que barulho é esse?” – se perguntou a coruja, mal acordando de seu sono pesado no início da manhã. Colocou a cabeça pra fora do buraco da árvore e se deparou com um Pica-pau.

“Sai pra lá, Pica-pau. Eu estou tentando dormir. Acabei de chegar da minha ronda noturna, e estou com muito sono.”

“Mas eu venho buscar insetinhos nesta árvore há muito tempo. Nunca te vi antes!” – exclamou o pássaro, muito indignado. Era seu costume visitar essa mesma árvore algumas vezes por dia atrás de bichinhos para comer.

A coruja contou que tinha acabado de se mudar para lá. A floresta onde morava tinha sido consumida por um incêndio, e ele e sua família tiveram que fugir do fogo. Eles se separaram durante a fuga, e agora ele estava sozinho. Tinha chegado nesta nova morada somente na noite anterior.

Os dois pássaros começaram a conversar todos os dias no início da manhã, hora do desjejum do Pica-pau, e no final do dia, hora da Coruja acordar e sair pela noite. Um contava para o outro algo de interessante que viu desde a última conversa.

“Sabe o Esquilo, aquele que rouba as tangerinas daquela casa amarela? Ele estava comendo uma fruta em cima do muro, e o Cardeal voou acima da cabeça dele. O esquilo tomou o maior susto e caiu do muro. Foi muito engraçado.” contou o Pica-pau.

“E eu vi um bando de coiotes rondando a vizinhança. Uivaram a noite toda. Acho que isso amedrontou muitos animais por aqui. Eu fiquei olhando de longe, cantando meu canto.

tu-uuu tu-tuuuu tu-uuuu

só vendo se eles entrariam em confusão.”

Todo dia era assim, criando uma grande amizade entre os pássaros. De vez em quando o Cardeal se juntava, pois era grande amigo do Pica-pau.

Pri pri pri pri pri

Os Beija-flores estavam sempre por perto,

zummm zummmm zummm zummm

– querendo ouvir os causos do dia.

Um dia o Pica-pau foi visitar a Coruja e a toca estava vazia. Ele esperou, esperou e nada. Voltou no final do dia, e a toca continuava vazia.

“Alguém viu a Coruja?” – saiu perguntando. Falou com o Cardeal, os Beija-flores, os Periquitos, e até o Esquilo, que não falava com ninguém. Só não foi perguntar pro Gavião que morava lá perto, obviamente.

Passaram-se vários dias e nenhuma novidade. Até que num certo fim de tarde, quando o Pica-pau foi fazer mais uma tentativa, viu outra coruja no buraco da árvore.

“Onde está a minha amiga? Quem é essa aí?” – pensou.

Flap Flap Flap

Foi voando de mansinho para não assustar a nova moradora e pousou no galho. E antes que falasse qualquer coisa, de dentro do buraco, saiu a sua amiga Coruja.

“Oh! São duas corujas!” E seu coração saltou de felicidade com a novidade.

“Meu amigo Pica-pau, que bom revê-lo! Chegou na hora certa. Eu reencontrei minha esposa Coruja ontem à noite.” A Coruja contou que, durante sua vigília noturna, ficou cantando seu chamado

Tu-uuuu Tu-uuuu Tu-uuuu

Para sua surpresa, ouviu a resposta que mais queria

Tu-iiii tu-iiii tu-iiii

“Você será sempre bem-vindo para conversar conosco”, disse a Coruja-esposa. E uma nova amizade começou ali.

O dono do jardim

Rita de Cássia Travagin Klein



Vivo na mais linda quaresmeira roxa que poderia encontrar. Aqui mando eu. Tenho tudo de que preciso. As larvas, os insetos, os grãos de que gosto, tudo está neste gramado e nas outras cinco árvores deste jardim.

Tenho este banquete e ainda um lugarzinho especial com muitas frutas.

Lá vem o homem grandão que coloca as frutas! Anda logo, homem, estou com fome! Prefiro o mamão, mas quando tem caqui, é só ele que como. Neste refeitório para pássaros, estava meio difícil comer e se agarrar à madeira do chão. Mas o grandão colocou um grande melhoramento para nós, que agora agarrando-nos aos poleiros temos mais firmeza para bicar as frutas.

Ele acabou de colocar mamão, banana. Já estou indo lá. Sou o primeiro que come, porque fui o primeiro a ter casa nesta árvore.

Quero comer sozinho. Mas chegou um sanhaço!

– Vai prá lá, amigo! Espere a sua vez!

Agora pousou um sobrinho meu. Este eu deixo, é da família. Minha mulher também logo vem para levar um pouco de alimento para nossos filhos. Muito boas estas frutas. Já matou minha fome. Vou dar lugar para os outros, só não gosto do João-de-Barro, que pensa que só porque faz casas mais resistentes que as nossas, é metido e sempre quer comer antes de mim. Se eu enxergar ele no nosso refeitório voa já pra espantá-lo.

As pombas não me dão trabalho, comem pouco no refeitório. Acho que não gostam de frutas.

Agora, nesta árvore, limpo meu bico. É só bater de leve de um lado e depois de outro em um galho. Funciona como a escova de dentes do homem grandão.

Daqui dá pra eu tomar conta do refeitório. Tem um pa-pa-capim que adora tomar banho numa tigela. Eu deixo, porque não sou fã de banhos, água, só para matar a sede. Este amigo é tão pequenino, mas leva um tempo enorme para se banhar! Não tem medo do frio! Agora acabou, voou. Deixou a água suja, mas nós não ligamos.

A família dos sanhaços foi comer. Estou ouvindo que estão reclamando que acabou o caqui. Ahh, caqui é pra mim! Eu mando neste pedaço! Estão reclamando muito! Vou lá falar com eles.

– Ei, vocês, seus azuizinhos! Eu mando neste restaurante! O caqui é sempre pra mim. Sou o primeiro que come, e não adianta reclamar. Só vão comer caqui quando meus filhos nascerem e eu vou ficar mais tempo no ninho. Do contrário, parem de reclamar e comam o que sobrou!

Ficaram quietinhos, os pequenos até voaram. Eles voltam porque o pai os chama.

Aqui tem que ser assim! Tem que valer meu tempo de casa!

Agora vem vindo a mulher de cabelo vermelho! Ela sempre vem ver as flores do jardim. E gosta de andar por aqui segurando uma coisa preta perto da orelha. Fala alô e depois, anda, fala, anda, dá risada! Deve ser meio louquinha, porque nunca está acompanhada. Agora ela vai pôr mais alguma coisa no refeitório. Oba, é mais caqui! Vou pra lá. Que delícia!

Ihh, estou ouvindo um barulho ameaçador. Abriram o portão! É o homem que corta a grama e gosta de mexer nos nossos ninhos! Vou esperar pra ver!

Ele pegou o cortador! Vai mexer nos nossos ninhos! Chamo meus soldados:

– Pessoal, defesa total! Ninguém acaba com nossos ninhos impunemente, atacar!

O homem reclamou para a mulher de cabelo vermelho! Colocou um chapéu! Vamos tentar tirar o chapéu dele!

– Vamos, gente! Tirem o chapéu, depois biquem a cabeça dele. Assim vai aprender a respeitar a casa dos outros! Tá difícil, ele o grudou na cabeça! Mas está tentando se defender de nós. Parou de mexer nos ninhos. Acho que não vai mais nos incomodar. Comigo é assim! Ninho, família e comida em primeiro lugar!

Agora ele está cortando a grama, daqui a pouco vai embora. Vou até cantar um pouco.

Acabou de cortar. Agora a persona non grata se foi. Isto aqui está um paraíso. Insetos e larvas na grama recém-cortada, frutas das boas, a família reunida.

Quando estou com meus filhos no ninho, não deixo ninguém mexer neles. Nem a moça que vem limpar a casa aqui deixo entrar no jardim, dou rasante na cabeça dela. Mas isso é só quando meus filhotes estão pequenos. Ela chama a gente de agressores!

O moço bem clarinho, que aparece aqui de vez em quando, gosta de nos apreciar. Até canto pra ele. Mas um dia, eu, que sou sabiá-do-campo, cantei como coruíra, passei vergonha, porque ele me desmascarou. Apareceu com o canto verdadeiro dela em um aparelhinho, ouvi e então fugi!

Mas hoje o grandão, a mulher de cabelo vermelho e o clarinho estão nos observando, então vou cantar mais. Mas, espere, meus amigos estão fugindo das árvores. Deixe-me apurar os ouvidos. Estou ouvindo um bater de asas maiores, mais grossas, ave grande! Tenho que fugir! É o falcão assassino! Adeus, não sei mais quando volto!

Sabiá-laranjeira

Ivete Nenfídio



Quero lhe contar o que vivi: sou viajante, céus cobri, fui exímia cantora, sou Colibri, com meu ínfimo corpo canto pra ti.

Cruzei os céus, ouvi um Curió e conheci seus anseios. És rápido demais, és ligeiro, mora aqui bem perto e, no interior, é um afamado fingidor, um pássaro imitador de canto encenado, atua como ator. Nunca acreditei em suas doces palavras.

Também conheci o lindo passaredo, o Trinca-ferro, vivente da capoeira, viajante sem paradeiro, roncador vigoroso, vive nas clareiras; e tem o Papa-capim, que voa como anjos, como um querubim; tem também o Canário-da-terra, que canta suas penas, suas guerras.

Mas aprecio mesmo é o formoso Sabiá-laranjeira, meu melhor amigo, meu companheiro estimo o seu canto, meu predileto, visita às beiras, vem me ver de tempos em tempos. Espero ansiosa seu regresso... se hospeda em apartamentos de concreto, és notívago e voa só nas madrugadas. És boêmio solitário, mas ele diz que não é!

Nas noites paulistanas, insanos querem matá-lo. Digo a ele para se cuidar. É meu melhor amigo, meu único amor... Sei bem porque não dormiste: tens cantos da sobrevivência, és ave canora, com seus sons sublimes, canta seus fantásticos delírios. Cantigas que não são para mim, são para ela!

Acompanho sua insônia, querido pássaro cantador. Volte, visite minha janela!

Te espero em uma casa enfeitada, com beijos de mel e um jarro de flores amarelas.

Conheço-te, sei que és pássaro perseguido, mal apreciado, incompreendido. Quando sentires o risco, foge para longe, livra-te dos ouvidos incomodado, mas quando puder, venha me ver, minhas portas estarão sempre abertas!

Flutua na miragem, meu amor, voa com seu voo rasante e dorme com as estrelas onde me encontrarás.

O Papagaio e a sua aventura

Jaquilza Gomes



Vivia em São Tomé e Príncipe um Papagaio que queria conhecer o mundo. Andava triste, desanimado porque não conseguia realizar o seu sonho.

Além de ser medroso, ele era sempre desencorajado pelos pais, amigos, o seu bando e por outras aves que diziam que nos outros países as aves iriam descriminá-lo por ser fofoqueiro de um país tão pequeno.

O Papagaio, na sua insegurança e dúvida, decidiu fazer um tour pelo seu próprio país. Em seguida, saiu da ilha do Príncipe e foi à ilha de São Tomé, sem ao menos informar os amigos e familiares.

E, na sua aventura na ilha de São Tomé, o Papagaio ficava fascinado com a qualidade da flora e a diversidade da fauna. Ele andava de praia em praia, de florestas em florestas, e não havia discriminação nenhuma, todos lhe tratavam bem.

Num certo dia o Papagaio encontrou o seu arqui-inimigo da infância, o Falcão, com quem na verdade compartilhara o sonho de viajar e conhecer o mundo.

O Falcão, por ser muito determinado, conta ao amigo que chegou a viajar. Conta ainda, que em uma das suas aventuras, encontrou-se com um Sabiá que tinha um canto magnífico. A conversa foi longe, pois o Falcão viu uma oportunidade de contar tudo que viu e ouviu nas suas viagens.

Diante das descrições que o falcão fizera, motivou o Papagaio a viajar. E assim como o Falcão, ele conheceu vários lugares incríveis como a China, na Ásia; França, na Europa; e por fim foi ao Brasil, na América. Lá, apaixonou-se, também, por um Sabiá, pois se perdeu na beleza do seu canto.

Tempos depois o Papagaio voou de regresso, mas primeiro para a ilha do São Tomé. E por todos os lugares que passava contava as suas aventuras, os lugares lindos que viu, os amigos novos que fez, a beleza do Brasil e a sua única paixão o Sabiá.

Quando retornou à ilha do Príncipe contou também aos familiares e amigos. Frisou, também, que não havia discriminação, coisa nenhuma. Mas, todos estavam tristes. Sem saber o porquê o Papagaio se cala e retira-se.

Algum tempo depois, o Papagaio entende o porquê de tudo o que sucedeu. Pelo facto dele ser muito falador, os familiares e amigos temiam que o óbvio aconteceria. Todos os pássaros saíram do país em busca de uma aventura. E, em toda a ilha, apenas ficaram os papagaios.

Urubus

Nico di Angelo Fierro



Em cima de uma árvore à beira da estrada, três urubus famintos observavam o trânsito atentos. – Quando será que alguém vai atropelar alguma coisa pra gente comer, hein?

– Boa pergunta, estou faminto, faz dias que não comemos nada.

– Olhem, a Loli está dando sopa no meio da estrada de novo, pombinha boba, ainda vai virar almoço se continuar na estrada.

– A lá! Tá vindo um carro, será que ela vai escapar outra vez?

– Não, o carro já está muito perto, é só ela tentar voar e... Puff! A pombinha tenta voar e o carro a atropela, as rodas jogando-a no canteiro central. Felizes, os urubus voam até a pomba atropelada

– Viva! Quer dizer... morte! Temos comida finalmente!

– Mas ela é pequena demais pra nós três, só vai dar pra um de nós comer.

– Então eu como, eu sou o mais novo, temos que garantir a sobrevivência da espécie salvando os mais jovens.

– Deixa de ser folgado! Eu tenho que comer, sou o mais velho daqui, cadê o respeito aos idosos?

– Eu até deixaria vocês dois ficarem com a pomba, mas faz semanas que eu não como nada, pela regra quem comeu a última vez a mais tempo fica com a comida.

– E de onde você tirou essa regra Zé mané? A única lei é a da sobrevivência da espécie; esse urubu velho já tá pra morrer, e você como adulto responsável deveria dar a comida pro mais jovem.

De repente o urubu mais velho começa a dar risada, os outros dois viram pra ele curiosos.

– Do que você tá rindo, velho louco?

– É que enquanto vocês discutiam eu enchi o bucho com a pombinha!

– Tenho que admitir, ele foi esperto.

– Esperto? Eu não como a semanas, esse urubu doido roubou minha comida!

Então o urubu do meio voou para cima do urubu mais velho e os dois começaram a brigar e o mais novo voou de volta para a árvore e ficou observando a briga. Enquanto os dois urubus estavam brigando, foram indo para cada vez mais perto da estrada, o urubu mais novo percebeu que tinha um caminhão chegando, mas não avisou para os outros dois.

Eles viram o caminhão tarde demais, e numa tentativa de escapar foram atropelados igual à pombinha.

– Oba! Comida de sobra hoje, e olha que nem é natal pra ter uma ceia dessas! – disse o urubu descendo da árvore para comer os dois novos pássaros mortos.

– Corrigindo o que eu disse antes, sobrevivência dos mais jovens e dos mais espertos, quem comeu hoje foi eu.

Urubu-rei e a Saíra

Keli Vasconcelos



○ Sol nasce na imponência da floresta. Seus raios se apinham e todas as aves começam a sinfonia, sob os olhos do Urubu-rei, que mesmo sem coroa, abrihanta sua careca em meio aos ipês, mognos e jatobás.

O Urubu-rei perdeu a majestade quando Coraci, o grande índio Sol, roubou sua coroa, depois de uma brincadeira.

Certa feita, Coraci viu o Urubu-rei na copa de um jacarandá. Empunhou o arco e flecha e desafiou a soberana ave:

– Duvido que alcance minha flecha! Vou soltá-la para o alto agora!

Revoltado, o Urubu-rei apenas disse:

– O que está esperando para soltar essa flecha?

O Urubu-rei só não sabia que a ponta da flecha refletia os raios solares. Cego por conta do brilho da ponta da lança, desequilibrou, deixando sua coroa mágica cair no chão.

Depois disso, Coraci fez sombra em todos os seres da floresta. Inclusive, na careca reluzente de raiva do Urubu-rei.

Levantando as asas, e lembrando do ocorrido, o Urubu-rei bradou:

– Ah, me caçoar, não vão fazer mais! Não me enganem. Eu sou ainda o rei! Plano pelas árvores e pouso nas mais altas, para observar o meu reino!

Levantando voo, começou a observar os rios, arbustos, bichos do mato de dentro, as aldeias, as índias lavando mandioca e preparando o biju para o almoço, enquanto os índios, cobertos de urucum, saíam para pescar em suas canoas feitas de casca de jatobá.

Satisfeito com o voo, afinal o dia estava ameno, pegou-se a ouvir as aves que complementavam o seu reino.

O Amarelinho-da-Amazônia, tão pequenino, com seu “fiu-fiu-fiu”, brincava alegre banhando-se na beirada do riacho.

Já o Canarinho-da-terra, estava montando o ninho com sua esposa. E, fazendo seu serviço, cantarolava um “fiu-fiu” mais singelo.

– FRUEM! FRUEM!

Que susto! Eis a branca araponga, e seu som metálico, estremecendo toda a floresta, assustando até o traquina do macaco-prego, que logo se pôs a subir de galho em galho. De repente, o Urubu-rei deu de cara com passarinho diferente.

Tinha em suas penas a predominância de tons verdes-claros, com um quê de amarelo. Estava dançando entre tucumãs e pupunhas.

Parecia perdido. Eis que o Urubu-rei aborda imponente o pequenino visitante:

– Ei! Quem é você? O que faz aqui em meu reino?

– Oi! Desculpe importunar. Meu nome é Saíra e vim lá das bandas do Sudeste deste Brasil. Vim buscar água, porque por lá tá tudo seco. Não tem mais água nos rios e tudo está ficando ainda mais cinza.

O Urubu-rei não acreditou nessa prosa. Como um passarinho tão pequenino poderia carregar em seu bico água para abastecer os rios?

Incrédulo, perguntou:

– Como assim não ter água? Aqui na Amazônia sai as águas para os rios de onde você veio.

A Saíra, tentando encher o bico, respondeu:

– Pois não é o rei, seu Urubu? Então, o senhor precisa ver como o bicho-homem está fazendo com os rios, lagos e lagoas da nossa terra. Tá tudo secando! Se quiser ver, vem comigo.

Sentindo-se desafiado, o Urubu-rei decidiu seguir a Saíra na longa jornada. Atravessaram as florestas, desvencilharam das planícies.

Já chegando na cidade grande, começaram a desviar dos prédios, aviões e os olhos já estavam enevoados, por conta da poluição.

Ao chegarem numa mata ciliar, ainda com poucas árvores que auxiliavam o pobre rio, o Urubu-rei não sabia se chorava ou bradava. Tudo estava seco, arenoso, fétido. O leito do rio recebia dejetos sem tratamento. Também nada conseguia dizer em voz baixa, já que o som das máquinas, martelos e carros abafavam qualquer outro som.

Perguntou, triste, a ave monarca:

– Como vocês sobrevivem assim?

– Sobrevivendo, Urubu-rei. Mas, parados e conformados não ficamos! É pouco o que faço, sei disso, mas é o meu melhor. Se vejo sujeira, tento limpar. Se o rio tá secando, vou buscar água para abastecer...

Respondia, então, a diminuta Saíra, jogando a água depositada em seu biquinho no leito do sofrido rio.

O Urubu-rei, decidido a ajudar, voltou rapidamente para a floresta. Chamou por todos: os macacos, as aves, até mesmo os índios que prontamente iniciaram um mutirão para fazer chuva e banhar as águas dos rios.

Coraci, no alto das nuvens, ficou comovido com a atitude do Urubu-rei e da Saíra.

Escondeu-se no pé da montanha mais alta, dando espaço para o rio voador que despontava na Amazônia.

As nuvens, brancas, cheias d'água foram descendo as planícies, desviando dos fios de alta tensão, dos aviões, das outras aves.

Eis que a poderosa chuva chegou.

Floriu-se tudo!

A Saíra desembestou-se a cantar alegre, em agradecimento a todos.

– Viu? Sou o soberano! Mesmo sem coroa, que agora tá com Coraci, eu, o Urubu-rei, que pedi para todos meus súditos que fizessem chuva.

Todos riram, mas eles sabiam que era pouco para a devastação que o bicho-homem está fazendo.

Mas, nem ele, nem a Saíra, nem os índios, nem todos os bichos do mato de dentro vão desistir.

Afinal, nos confins da floresta, todos são livres.

E a liberdade é uma natureza selvagem que habita as veias, veios, vezes e vozes de cada coração.

Passarinhando

Daniel da Silva Araujo



Dia desses estava eu com meu coração arranhado por unhas-de-gato. O céu estava cinzento, apesar do sol radiante. Oh meu Deus, tem misericórdia de mim! Então, resolvi passarinhar, saí voando por aí.

Já na primeira árvore, o primeiro pássaro me disse assim:

– Bem que eu te vi... Meu amigo triste e acabrunhado? Fica assim não, vou cantar a você uma linda canção e amanhã vai ser melhor.

Passarínhei mais um pouco, parei. Fiquei surpreso com vários pardais. Que alegria era aquela, que amizade, que banho gostoso... E eles me disseram:

– Venha brincar com a gente, solte-se, vai chover daqui a pouco, vamos tomar banho de chuva juntos. Nossa que momento feliz!

E assim fui prestando atenção em meu caminho, cada minuto uma surpresa, rolinhas, curios, pássaro-preto ao longo de todo o dia. Já à tardezinha, quando resolvi voltar, um som belo saía de dentro de uma casa, me aproximei e logo percebi que dessa vez não era um pássaro, era um senhorzinho cantarolando canções de pássaros.

Tentei sair, mas fui provocado por aquela pessoa que me disse:

– Não vá embora a essa hora, voltar nessa longa estrada durante à noite e madrugada pode ser perigoso. Durma na minha cama.

Preparou uma sopa de legumes bem quentinha, ensinou-me diferentes cantos de pássaros, trouxe um cobertor, e dormi o melhor sono, o sono da simplicidade e do afeto.

Despedi-me no outro dia e algo mágico me aconteceu: vi que o mundo tem motivos para viver e ser feliz, voltei a acreditar em boa alma humana, amei ser acolhido e voltei voando para casa. Bendito homem passarinho...

O homem-pássaro

Olivaldo Júnior



Esta história começou há muito tempo, quando eu nem sequer tinha nascido. Lá no céu, naquele espaço infinitamente azul, na antessala de ingresso para vários planetas, onde há várias, inúmeras seções e subseções, semelhantes a repartições chamadas públicas, eu, em forma humana, tinha me inscrito para finalmente nascer num planeta que, ao ser visto de longe, era azul. O planeta se chamava Terra, acho que você o conhece um pouco.

Pois bem, lá estava eu, todo prosa, confabulando com meus companheiros celestes, quando um perguntava ao outro onde iria finalmente nascer.

– E aí, cara? Onde você escolheu finalmente nascer? – indagava um companheiro que iria nascer no Japão.

– Olha, eu acho que vou nascer na outra “ponta” da Terra, não sei bem onde, mas deve ser num país chamado Brasil, que, apesar dos problemas, é um belo país – e mostrei para esse companheiro o folder, ou melhor, o folheto de apresentação do Brasil.

– Ah, que bom! Já tinha ouvido falar no Brasil, mas me identifiquei bastante com o povo japonês. Sei que já passaram maus bocados também, mas vou tentar fazer algo por eles ao nascer lá.

Era assim o pensamento de cada companheiro e de cada companheira prestes a nascer em algum lugar do Sistema Solar. Havia quem nasceria em Júpiter, ou em Marte, só não me pergunte como, nem por que os astronautas ainda não são capazes de perceber que já tem gente, bichos, mil seres morando lá. Isso é mistério.

O caso é que, ao me aproximar um pouco mais do guichê brasileiro, fiquei reparando numa outra fila que se encaminhava para um guichê também brasileiro, mas com

um diferencial muito *sui generis*. Era uma fila que daria vez ao nascimento de pássaros dos mais variados tipos aqui na terra *brasilis*.

Não sei por que, mas começou a me dar uma vontade louca de mudar de fila. As mãos suavam, os pés não paravam quietos, e o espírito se emplumava todo, como se já se sentisse mesmo um pássaro (quem sabe, um sabiá, ou uma sabiá, nos céus do País?). Ah, eu teria que mudar de fila e dar um jeito de nascer passarinho no Brasil! Mas como fazer?

Comecei a matutar como pular de uma fila para outra sem dar muito na vista.

Pus em prática minha estratégia inicial e, pata ante pata, quer dizer, pé ante pé, fui me afastando da fila que faria uma primeira triagem, ou seja, a fila em que, no guichê específico, seria decidido se nasceríamos macho ou fêmea, isto é, homem ou mulher. Hum, eu não queria ser homem, mas pássaro.

A fila para ser ave tinha gente também, o que me fez pensar na Criação. Então eram primeiro criadas formas humanas para, em seguida, essas formas se transformarem em outras? Era uma dúvida minha. Porém, do que eu não tinha a menor dúvida era de que, uma vez pássaro, não me deixaria prender, ou melhor, faria de tudo para não ser preso. Iria querer sentir o azul nas asas e, uma vez enroscado em alguma nuvem, ter no bico um restinho do algodão doce de que, na minha inocente opinião, as nuvens eram feitas. Doce ilusão!

A fila para ser pássaro estava grande, e eu, que não conhecia ninguém na fila almejada, conformei-me em partir para o último lugar. O comentário nessa fila era bem diferente dos comentários da fila onde eu estava, com expressões do tipo: “Eu quero ser uma canário-da-terra. Vi um vídeo explicativo dessa espécie, e ela é linda!”, e outra: “Se for mesmo nascer pássaro, que eu seja um bem-te-vi!”, ou ainda: “Acho pardais maravilhosos, tão soltos no mundo, tão eles!”, e os comentários não acabavam

mais, todos enfatizando algum tipo de pássaro de que gostavam. Eu, por minha vez, sentia que seria mesmo um sabiá, ou uma sabiá.

Então, de uma espera que pareceu uma eternidade, eu finalmente estava chegando à boca do guichê, a fim de decidir sob que forma eu nasceria. Ah, que expectativa!

– Qual seu nome, senhor? – disse a mocinha do atendimento, já impaciente devido à demora de uma outra colega, que, segundo ela, batia muito papo com os pretendentes a passarinho.

– Jo-Jo-José da Silva – balbuciei, já antevendo que meu nome não seria encontrado na lista de futuros sabiás, canários-da-terra, bem-te-vis ou pardais.

Alarme! Souo na antessala de ingresso para vários planetas em altíssimo e boníssimo som um alarme, uma sirene, como se alguém estivesse infringindo uma lei não escrita, a de que devemos aceitar o destino.

Quando enfim me dei conta, já estava na fila anterior, devidamente cercado por policiais das estrelas, que salvaguardavam meu “direito” de nascer homem, não pássaro. Adeus, passeios no azul, algodão doce no bico!

A fila dos “passarinhos” pipocava em torno de mim, e eu só conseguia pensar que não seria um deles.

Já me imaginava no mais aconchegante dos ninhos, com ramos, fios de palha e gravetos, mamãe me dando na boca, digo, no bico, a comida nossa de cada dia, e eu, com a idade certa, me aventurando em meu primeiro voo solo, não sem antes levantar voo e cair sob os olhinhos firmes e ternos da mãe pássaro que eu teria...

– Próximo! – e lá fui eu me aventurar a ser gente.

Quando dei por mim não estava propriamente numa gaiola, mas num berço, com grades também. E, um pouco mais tarde, numa escola, também com grades. E um pouco mais tarde ainda, num escritório, com ainda mais grades do que na escola. Assim, numa sucessão de grades e mais grades, sendo homem, vivi a angústia que muitos

pássaros experimentam ao se verem privados de passeios no azul e algodão doce no bico. Era preso.

Hoje, depois de quase oitenta anos de grades, um pássaro azul me visitou aqui em casa. Então, como por magia, mesmo sem asas, me vi levantar voo e ascender aos céus, voando com esse pássaro, que me conduzia a um novo céu, com outros pássaros humanos, entrando outra vez na fila para verem se, dessa vez, conseguiam finalmente ser livres, conseguiam finalmente ter paz, conseguiam finalmente ser pássaros.

A floresta escura e o pássaro sagrado

Andersen Medeiros



Narrativa sobre a floresta escura que ganhou o dia pelas asas do pássaro sagrado.

A floresta existia no meio do nada. O nada tecido de silêncios e escuridão. O nada feito de gentes e bichos que moram na longa noite que nunca tem fim. Lá, não havia escolas nem postos de saúde, porém os nativos eram sabedores dos segredos da chuva. Os mateiros conheciam remédios que brotavam das plantas, os pescadores sabiam todos os mistérios dos rios e sabiam a direção dos ventos.

As onças, macacos e uma grande sucuri viviam entocados no maior quiri, porque tudo era escuridão, animais viviam acanhados e temiam até trovão.

Caboclos deitados no jirau pitavam tabacos e tomavam tarubás. O tempo tecia bordados de solidão.

Os pescadores não pescavam porque não dava, não. A poronga não tinha luz, e os peixes não emergiam na infinita escuridão.

Em meio aos vazios noturnos da floresta, havia pingos de poesia que gotejavam das legendas orais contadas pelos antepassados. As narrativas fabulosas eram narradas pelos pajés e pelas vovós nativas, que eram poucas naquele lugar. Entre elas, destacava-se a vó Minuca, a nativa mais antiga da floresta.

Os mateiros acreditavam que ela tinha mais de cem anos de idade. Mas, apesar da idade muito avançada, a idosa era dona de uma lucidez extraordinária e uma capacidade incrível de armazenar histórias de seus antepassados.

Vó Minuca passava o tempo contando “causos” de assombração para os curumins da floresta, que ouviam atentos, porque suas histórias faziam os nativos mirins correrem para as suas palhoças mais cedo.

Vó Minuca contou a história de uma moça* que foi sua criada, que dormia num quarto bem atrás da cozinha e era muito tímida. A moça, de comportamento estranho, deixava ficar noite sem luar para sair com o namorado e ficar com ele. Era o que ela dizia, mas ninguém nunca a viu com rapaz algum, e ela só retornava horas e horas depois.

Ocorre que nesse intervalo que a moça estava fora de casa, um porco selvagem com dentes enormes aparecia pelas ruas quando a lua dava uma certa claridade em meio a tanto breu.

O animal surgia do nada e, no meio do breu total, corria contra os caboclos, mordendo-os na perna. Até que um caçador dos bons veio com seu rifle 44 e conseguiu acertar o porco, que ficou ferido e desapareceu no matagal.

Vó Minuca contou que passados tantas horas de breu, a sua criada apareceu em casa toda ensanguentada, o que fez a velha desconfiar que aquele porco que atacava as pessoas era na verdade a dita cuja que simplesmente sumiu misteriosamente sem deixar rastro.

– As entidades são encantadas, elas moram em nossa imaginação mais profunda – dizia Vó Minuca.

Certa vez, Vó Minuca narrou a história de Coaraci, o deus sol, que foi se esconder atrás de um horizonte qualquer de uma longínqua montanha e jamais foi visto pelos olhos das pessoas. Mas, antes disso acontecer, corria a lenda de que Coaraci pediu para nascer no verde esquecido mundo e suplicou para ser a luz do dia. Nada feito.

Continuou...

– Jaci era a noiva de Coaraci, foi menina rendeira e nunca soube o que é brincar, pois se casou muito cedo e de filhos foi cuidar. Os filhos de Jaci brincavam de ciranda entre os jasmims, rodavam de mãos dadas e sorriam sem

parar; o menorzinho ficou no centro da roda, fez cara de birra e pediu para jogar caxangá.

Passou o tempo, e a noite densa não tinha fim; continuava os tempos de panema para quem sonhava em ver a luz do sol. E assim, os animais, cansados de tanto sofrerem e viverem na escuridão invadiram tejupás, que são casinhas simples construídas perto dos rios, e começaram a rebelião.

Caititus, jiboias, pacas, tatus, cotias e javalis passaram a suplicar à deusa Araci para que trouxesse o dia para a vida ficar melhor.

Os curumins ouviam cada detalhe da história de Araci, esta ostentava um belo manto azul e tinha os olhos brilhantes tais quais as estrelas.

A mãe do sol, vendo o sofrimento dos seres vivos, chamou a arara-piranga e a pediu que trouxesse a luz para as matas urgente. Contudo, a ave multicolorida tinha que voar até o deus do trovão para cumprir a sua missão. E assim sucedeu.

Enquanto arara-piranga voava alto, tapuios e tapuias sofriam em tempestades de carapanãs, cunhantãs viviam pejudadas pelo Honorato assustador; as cunhãs eram muniadas pelos botos que desejavam o seu amor.

Arara-piranga é pássaro que voa alto e longe, tem bico adunco e poderosamente forte para abrir ouriços de castanha-do-pará; chorou por ver tanto sofrimento, no entanto, não sabia que a sua ausência causava grande tormento, pois só naquela ocasião é que ficou sabendo que só ela podia salvar a vida dos caboclos e bichos da floresta escura.

Então a arara-piranga voou alto até o firmamento e lá, diante do deus Tupã, fez um sagrado juramento de levar a luz para aqueles seres sofridos da floresta escura que, desde que o mundo é mundo, foram esquecidos até os dias de hoje.

Tupã ficou comovido pela promessa da arara-piranga e logo colocou o "dia" entre as suas penas para que se fizesse a luz no mundo de gentes, de bichos e de verdes

plantas. Assim se fez, posto que a luz que todos esperavam ao longe apareceu.

Finalmente, arara-piranga conseguiu, aos poucos, trazer a luz para a floresta escura, que durante todo o tempo prevaleceram as trevas.

Começou com uma claridade tímida, podia-se ver a distância uma grande “bola” amarela formando luz intensa, que foi aumentando até que se pôde ver o sol bonito reinar absoluto no céu e deixou tudo azul.

Nunca se tinha visto o céu azul. Era paisagem delirantemente bela para os olhos dos nativos.

No lugar onde reinava só escuridão, agora, é dia claro, depois que a noite vai embora.

Caboclos pejados e bichos selvagens comemoraram e reverenciaram a arara-piranga pela “nova” vida batizada; a partir de então passaram a ver o pássaro como a ave sagrada.

* A história da mulher que vira porco é uma homenagem do narrador à sua avó materna, dona Minuca que foi uma grande contadora de “causos” da cidade de Viseu, município que fica a 353 km de Belém-PA. O autor destaca ainda de que a história do porco foi a primeira narrativa oral que ouviu de sua avó.

GLOSSÁRIO

Acará: peixe de água doce.

Acari: denominação genérica de vários peixes.

Aguapés: planta hidrófila que abunda nas margens dos rios, furos e igarapés.

Amao: moça muito bonita que teria engravidado de um peixe quando estava sentada à beira do rio.

Araci: em tupi significa “mãe do dia.”

Aracuã: ave da família dos Cracídeos.

Arara-piranga: ave. A maior do gênero de araras. Tem a plumagem vermelha bem viva, possuindo nas asas e na cauda algumas penas azuis.

Arari: ave da família dos psitacídeos, tem plumagem de cor azul, amarelada no ventre; é a mesma arara-canindé.

Aruanã: tipo de peixe.

Azagaia: pequena lança de arremesso.

Bubuia: sentido de flutuar na superfície da água.

Caruana: divindade benéfica e secundária, invocada para obstar malefícios ou desgraças.

Coaraci: o sol.

Cunhã: jovem.

Cunhantã: moça.

De chico: quer dizer quando a mulher está menstruada.

Facheação: pescar com fachos.

Honorato: Cobra Norato ou Honorato, é uma das mais conhecidas lendas do folclore amazônico.

Igarité: grande canoa.

Jaci: a lua entre os indígenas.

Juruti: ave do tamanho de um pombo, dona de um canto triste.

Maqueira: rede de algodão ou de linha com belas decorações.

Mundiar: assombrar, atrair; na crendice, o poder de atração do boto, da iara, da cobra.

Pirangueira: pesca noturna com tochas.

Poraquê: é uma espécie de peixe actinoptério, gimnotiforme, que pode chegar a dois metros de comprimento e pesar cerca de vinte quilogramas. É uma das conhecidas espécies de peixe-elétrico, com capacidade de geração elétrica que varia de cerca de trezentos volts a cerca de 0,5 ampères.

Poronga: é uma luminária, uma lamparina que os seringueiros usam na cabeça para percorrer as estradas da seringa na floresta amazônica. Feita, geralmente, a partir de latas de óleo, o seu combustível mais frequente é o querosene.

Puçangueira: feitiçaria.

Pyssaré: a noite toda.

Quiriri: silêncio noturno nas matas; calada da noite.

Sucuri: serpente que habita nos lagos e rios da Amazônia.

Tamuatá: peixe abundante na Amazônia.

Tapicuru: ave.

Tapiri: choupana.

Tarubá: nome tupi de uma bebida fermentada, feita com beiju-açu dissolvido na água.

Tejupá: moradia rústica, de palha, erguida à beira dos cursos d'água.

Tupã: deus do trovão na mitologia indígena.

Vasgueiros: escasso, raro.

Extinção

Ademir Moreno Aguilar



Meu nome é Peninha. Pertencço à espécie... Puxa! Sempre me esqueço do nome... Deixa pra lá. Não importa. É muito complicado mesmo...

Sou um passarinho pequenino e de peito amarelo. Acho que não vou crescer mais não. Meu pai também era pequeno e acho que nós não crescemos mais não. Nunca vi alguém da nossa espécie, a não ser meus pais e irmãos. Papai tinha dito mesmo que seria difícil encontrar alguém como nós. Dizia que estava quase desistindo de procurar uma companheira quando encontrou mamãe pela primeira vez. Nesse ponto da narrativa ele sempre costumava dizer: "Não tive escolha. Ou era ela, ou era ela. Veja só em que enrascada eu fui me meter...". Depois ele dava uma risadinha irônica e olhava com o rabo do olho para mamãe, que sempre fingia não ouvir.

Tenho saudades do tempo em que estávamos todos juntos... A mamãe sempre estava me penteando pra ver se abaixava uma peninha na cabeça que insistia, e ainda insiste, em ficar de pé. Daí o meu nome: Peninha. "Com essa peninha na cabeça, nenhuma passarinha vai gostar de você.". E passava o pente tão forte que até doía a cabeça. Tinha três irmãos, duas passarinhas e um passarinho, todos mais velhos que eu. Morávamos numa árvore bem grande, que agora está bastante longe, no lado em que nasce o Sol.

Como eu brincava naquele bosque... Antes mesmo de o Sol nascer, eu e meu irmão, o Soneca, saíamos do ninho na ponta das patas e íamos para a Grande Clareira. Éramos sempre os primeiros a chegar. Depois vinham os outros. O Azulão, o Biquinho, o Grandão, o Rabinho... Já chegavam cantando bem alto e fazendo acrobacias no voo. Era tanta brincadeira! Pega-pega, esconde-esconde,

apostar corrida... Gostava mesmo era de esconde-esconde, principalmente no outono, quando todas as folhas ficavam amareladas. Ninguém me achava. Passavam bem pertinho e eu sem soltar um pio. Meu peito amarelo parecia uma folha a mais no meio das outras. O Azulão é que ficava bravo. "Assim não vale. O Peninha e o Soneca levam vantagem no esconde-esconde. Assim não brinco mais... Quero ver se todas as folhas fossem azuis... Quero ver...". E saía da brincadeira, voando de cabeça baixa. Mas logo depois ele voltava, sugerindo o pega-pega. Nisso ele levava vantagem, pois tinha asas rápidas e musculosas. Quase sempre era o último a ser pego.

Uma vez o Soneca não quis brincar comigo na Clareira. Sacudi ele uma porção de vezes e quando ele acordou do seu sono, sempre muito pesado, disse, com a voz enrolada e quase sem abrir o bico: "Vai você... 'Tô' com muito sono...". Não pensei duas vezes. Fui sozinho mesmo. Estava tudo muito legal naquela manhã. Tinha chovido durante a noite e o ar estava bastante fresco e leve. Quando nós estávamos brincando de sacudir as folhas para derrubar água, eis que, de repente, ouvimos um tiro. Vinha bem da direção do meu ninho. Toda a turminha se dispersou rapidamente e eu voei o mais rápido possível para o meu ninho. Acho que voei tão rápido que até passaria a frente do Azulão. Quando cheguei na nossa árvore, foi um choque. Vi um homem, coisa que raramente via, pendurado no galho e firando toda a minha família do ninho. Todos mortos.

A partir de então, decidi voar sempre para o lado em que o Sol se põe, coisa que faço até hoje. Muito tempo se passou desde esta tragédia, e o próprio tempo está cuidando para cicatrizar as feridas do meu coração. Nunca mais vi o Azulão, nem o Biquinho, nem o Grandão, nem o Rabinho, nem ninguém... Também não tenho mais vontade de brincar. Ando mesmo é procurando uma passarinha da minha espécie, mas está muito difícil. Não sei se terei a mesma sorte de papai. Ando solitário e não tenho com quem conversar.

Mas a noite passada eu tive um sonho que foi uma alegria para o meu coração. Sonhei com papai... Ele estava

bonito como jamais o tinha visto antes. Seu peito amarelo brilhava tanto que parecia o Sol. E com uma voz muito tranquila e macia disse que era para eu continuar voando para o lado em que o Sol se põe. Disse também que, dentro em breve, encontraria uma passarinha com um peitinho amarelo muito bonito. Depois foi embora e, na partida, notei que não era só o peito que brilhava, mas sim o corpo inteiro. Puxa! Como papai estava bonito!

Tomara que o sonho seja verdade mesmo. Tomara que eu encontre a passarinha do peitinho amarelo bonito. Ouvi dizer que no lugar onde o Sol se põe não existem homens com espingardas. E é para lá que iremos! E será lá que construiremos o nosso ninho! Tomara que até lá nenhum homem com espingarda estrague tudo. Tomara...



SOBRE OS AUTORES



Ademir Moreno Aguilár nasceu em 1964, casado, dois filhos, reside em São Caetano do Sul-SP. Trabalhador da área de TI, autor de muitas obras desconhecidas no hobby de escrever, mantém desde 2011 e com muita dedicação, o blog <http://contogotas.blogspot.com>.

Andersen Medeiros, autor licenciado pleno em Letras pela Universidade Federal do Pará e atualmente é servidor público estadual. É autor de “O Ratinho e a Cadela” (CEF-SESC,1995); “A Lenda da Chuva Vespertina de Belém” (Premiado em primeiro lugar em concurso literário realizado pelo IAP-Belém-2002); “Mapinguari - O Guardião da Floresta” (Editora Amazônia-2009); “Anani, a árvore que chora” (Editora Estudos Amazônicos - 2012) e “O tatu Tadeu e a onça Onçalva” (Editora Twee). Também recebeu Menção Honrosa da Academia Paraense de Letras com o livro “Histórias do Seu Minuca”, em 2013.

Ane Coutinho, nascida em Penápolis-SP, dedica-se à literatura desde os nove anos de idade. Entre poemas, contos, romances, também escreve peças de teatro infanto-juvenil. Formada em Pedagogia e Artes Cênicas, atua como arte educadora e professora de teatro e dança. Premiada em diversos trabalhos na literatura e recitação no Brasil e na Europa.

Daniel da Silva Araujo (em memória) foi um empresário e artista plástico nas horas vagas. Pensava em construir um museu com suas obras e de outros artistas. Gostava de ver os pássaros pela janela de sua fazenda.

Danilo Boscolo é biólogo e Doutor em Ecologia pela Universidade de São Paulo (USP) e atualmente é professor de Ecologia de Paisagens da USP de Ribeirão Preto. Tem experiência na área de Ecologia, com ênfase em Conservação de Paisagens Fragmentadas, atuando e pesquisando principalmente nas áreas de Ecologia da Paisagem, Frag-

mentação e Modelagem Ecológica. Trabalhou em campo com aves de Mata Atlântica, pesquisando como suas populações sobrevivem em florestas fragmentadas e como se movimentam entre fragmentos florestais. Esses trabalhos foram publicados em artigos científicos e agora estão sendo convertidos em contos literários para serem lidos por um público mais amplo.

Eduardo R. Alexandrino é biólogo e pesquisador do Instituto Nacional da Mata Atlântica. Coordenador do projeto de ciência cidadã “Eu vi uma ave usando pulseiras!”, onde diversas aves livres ao longo do Bioma da Mata Atlântica são monitoradas com a ajuda do público geral.

Érika Cristina Faria de Souza, 26 anos, casada, mãe de duas filhas. Escritora nas horas vagas, ama criar histórias que despertem as emoções das pessoas levando-as refletir a própria vida.

Gabriel G. M. Mesquita é engenheiro ambiental e sanitarista pela Universidade Federal de Goiás, e atualmente integra como analista de pesquisa a equipe do Legado das Águas - Reserva Votorantim, um dos locais que participa do projeto de ciência cidadã “Eu vi uma ave usando pulseiras?!”.

Ione Moraes é professora e escritora. Possui sete contos e crônicas publicadas em antologias, sendo uma dessas direcionada ao público infantil. Ama escrever contos para seus alunos, a quem ela considera heróis do mundo moderno. Sobre ser escritora, ela diz: “Não escrevo para virar celebridade, mas porque me enleva e me faz viver as muitas vidas que talvez gostaria de ter vivido”.

Ivete Nenfidio, 48 anos, natural de São Bernardo do Campo – SP. É escritora, pesquisadora das manifestações tradicionais e folclóricas brasileiras, curadora artística de festivais e articuladora cultural especializada em Sustentabilidade Aplicada aos Negócios, em Leis de Incentivo à Cultura. Como autora, publicou livros de poesia, contos, crônicas e romances, entre eles a antologia “Memórias Difusas” e “País Estrangeiro – Memórias de um Brasil profundo”, ambos pela Editora Beira. Além da ficção “Calendas de Março”, obra

viabilizada com recursos do Fundo Municipal de Cultura de Santo André e Lei Aldir Blanc, ela escreve para revistas especializadas em literatura e para o blog “Outros Brasis”. Seus textos foram publicados pelo Selo Off Flip de Literatura 2021. Nas coletâneas de contos e crônicas, a autora ficou em 1º lugar no 31º Festival Nacional de Poesias “Eunice Maria de Oliveira” e em 3º lugar no Concurso Camilo Pessanha. Além de participar de diversas antologias poéticas, Ivete também recebeu o Prêmio por Mérito Cultural do Fundo Municipal de Cultura de Santo André – LAB, prêmio destinado ao reconhecimento de produções culturais realizados por pessoas ou coletivos que promovam iniciativas de fomento à cultura brasileira.

Jaquiza Gomes nasceu e reside em São Tomé e Príncipe. Universitária no curso de Licenciatura em Língua Portuguesa. Participou na criação da Antologia de Poemas “Ilhas de Palavras”, conexão Brasil/São Tomé e Príncipe. Tem como hobby o desenho, arte de reciclagem e a escrita de poemas e contos.

Keli Vasconcelos nasceu em São Paulo-SP, em 1982. É jornalista freelancer, fotógrafa amadora, arrisca-se no desenho, bordado no papel e na poesia. É autora de “São Miguel em (uns) 20 contos contados” (2014) e do romance (e-book) “Alguns verbos para o jardim de J.” (2021), da HQ/Zine/Experiência online “VooOnda” (2020/2021), do livro bordado online “Cingir: uma narrativa bordada no Papel” (2020/2021) e participa do livro “Mulheres & Quadrinhos” (2020). Blog: keliv1.tumblr.com, Youtube: Keli Vasconcelos e twitter.com/keliv1

Larissa Alves Corrêa é graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de São Carlos, Araras/SP. Durante sua graduação, dedicou-se a projetos de educação ambiental e ornitologia. Desenvolveu sua monografia sobre a avifauna de uma região em Sumaré-SP. Atualmente, é voluntária no projeto “Eu vi uma ave usando pulseiras!?” pelo Instituto Nacional da Mata Atlântica (INMA), no qual monitora aves anilhadas em diferentes regiões da Mata Atlântica.

Nico di Angelo Fierro, 14 anos, nascido em Taubaté-SP, filho de Carlos e Talita, mora em Araraquara-SP, estuda em escola estadual, ama ler e escrever.

Olivaldo Júnior nasceu em Aguai-SP, mora em Mogi Guaçu, cidade vizinha, desde criança. Sentia desde cedo sua inclinação para a arte, mas foi só ao fim da adolescência que começou de fato a escrever. De lá para cá, formou-se em Técnico em Radialismo de Locução e licenciou-se em Letras, além de iniciar seus estudos de canto e violão popular em escolas da cidade. Atualmente trabalha no setor administrativo de uma escola municipal e participa regularmente de concursos literários, obtendo classificações em alguns deles.

Patrícia Ferreira é bióloga de formação, baiana e apaixonada pela vida. Escreve porque gosta de contar histórias.

Rita de Cássia Travagin Klein é Professora de Inglês e Português aposentada. Ama a leitura e descobriu o prazer de escrever contos e outros textos durante a pandemia. Já teve um conto escolhido para uma coletânea de contos de ferro: "Entre Processos e Baratas", da Editora Persona.

Thithi Johnson é PhD e cientista de dados, escreve e ilustra nas horas vagas. É autora e ilustradora dos livros infantis "A família de robôs ABC" e "O balão amarelo: uma aventura em cores", também disponíveis na língua inglesa, e está trabalhando em novos títulos para o público infantil e juvenil.

Vanessa Morais é bióloga formada pela Faculdade Anhanguera de Brasília, tem 31 anos e mora em Brasília. Faz parte de dois projetos sobre aves, um se chama "Eu vi uma ave usando pulseira" que fica na cidade de Santa Teresa-ES, localizado na Mata Atlântica. Nesse projeto, ajuda no monitoramento das aves por câmeras trap que ficam em locais específicos, e delas analisa as espécies e verifica se as que estão com anilhas aparecem. O outro projeto se chama "Aves da janela", localizado em Brasília, nesse contribui com a identificação das aves por meio de áudio enviado pelas pessoas para o projeto. Está se aventurando em escrever história e as aves ajudam muito nesse contexto, já que elas são inspiração para estudos e outros fins.

Organizadores



Gleidson Melo, pernambucano, biólogo e doutorando em Estudos de Linguagens (PPGEL/UFMS). Autor dos livros “Contos de roda” e “Entre contos”. É administrador e autor das páginas na internet: Enseada dos Pensamentos [<https://enseadadospensamentos.com.br>] e Fotografia in Loco [<https://fotografiainloco.com.br>].

Marta Regina da Silva-Melo, apaixonada pela observação de aves livres na natureza. É turismóloga, pedagoga e docente na área de Turismo. Atua principalmente no âmbito do turismo responsável, meio ambiente, educação ambiental, uso turístico sustentável e ações pedagógicas em áreas verdes. É administradora e autora do site Ecodidática [<https://ecodidatica.com.br>].

Colaboradora

Neiva Guedes é presidente do Instituto Arara azul (www.institutoararaazul.org.br) e Docente no Programa de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Meio Ambiente e desenvolvimento Regional da Uniderp. Desde 1990 executa e coordena o Projeto Arara Azul, com estudos sobre *Anodorhynchus hyacinthinus*, ameaçada de extinção até dezembro de 2014. Deu início, em 2011, ao Projeto Aves Urbanas - Araras da Cidade. Promove e coordena atividades de educação e sensibilização ambiental com crianças e estudantes. Estimula o Turismo Científico e Pedagógico, bem como a ciência cidadã envolvendo os moradores nas atividades de conservação da natureza. Apoia o Programa de Conservação da Arara-azul-de-lear na Bahia. Apoia e colabora com o Programa da Ararinha na Natureza. É autora do livro “Jóias azuis no céu do Pantanal” e autora de seis capítulos no livro “Araras da Cidade - Música do Mato”, de Thiago Quevedo. Faz parte do Conselho da Parrots International com sede em Los Angeles e da Rede de Especialistas em Conservação da Natureza criada pela Fundação O Boticário. Em 2021 foi reconhecida como uma das principais cientistas do mundo, prêmio concedido pela ONU (Organização das Nações Unidas).



Confira também *Observadores de pássaros: contos de passarinhos - antologia de contos - volume 1*. Personagens ganham forma e viajam por lugares especiais e repletos de encontros com a sensibilidade. O primeiro volume desta coleção é constituído por contos na perspectiva dos observadores de aves livres na natureza, suas narrativas e percepções.



"A arte dos passarinhos de calcular distâncias", de Fátima Soares Rodrigues:

Quatro passarinhos de peito branco alinhados na grade, a distâncias iguais, simétricos, parados de lado, todos talvez a olharem para o mesmo alvo, pela posição [...]



"É coleirinho, é curió!", de Maria do Carmo Andrade Santos:

Eram dois amigos inseparáveis, João e José. Moravam no interior, numa cidadela que todos se conheciam, todos compartilhavam histórias, alegrias, tristezas, circuitos de foca, paradoxos, crenças, pessoas e tudo mais [...]



"O sumiço dos cardeais", de Nelci Oliveira:

Era um lindo dia, o sol raiava entre as brechas das árvores que intercalam casas e grades iluminando os pássaros a cantar como uma serenata. A cantiga das aves encanta a avó Catarina. Mas naquele dia o casal de Cardeal não voltou [...]

OBSERVADORES DE PÁSSAROS

CONTOS DE PASSARINHOS

Antologia de Contos - Volume 2

O segundo volume desta coleção reúne sensibilidade e desperta um olhar para o significado da vida das aves livres na natureza. Os contos perpassam por momentos singulares e de reflexões, próprios de quem busca por amenidades de uma vida, muitas das vezes agitada. Pois, em termo biofílico, como utilizado na hipótese criada por O. Wilson, o ser humano tem uma relação próxima, amiga e intrínseca com a natureza.

editora **ECO**
Didática

